

Jacinto Cordeiro

ELOGIO  
DE POETAS LUSITANOS

Introdução e notas de  
Maria Lucília Gonçalves Pires



CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



Edições  
Afrontamento





Jacinto Cordeiro

ELOGIO DE POETAS LUSITANOS

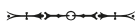
INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
Maria Lucília Gonçalves Pires



Jacinto Cordeiro

ELOGIO DE POETAS LUSITANOS

INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
Maria Lucília Gonçalves Pires



**Título**

Elogio De Poetas Lusitanos  
Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires

**Autor**

Jacinto Cordeiro

**Co-edição**

CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n.º  
4150-564 Porto  
citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda.  
Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto  
www.edicoesafrontamento.pt  
comercial@edicoesafrontamento.pt

Ano: 2017

**Execução gráfica**

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira  
geral@rainhoeneves.pt

**ISBN Edições Afrontamento:** 978-972-36-1570-8

**ISBN CITCEM:** 978-989-8351-68-5

**Depósito legal:** 426176/17

Trabalho co-financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI), por Fundos Nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POLI-01-0145-FEDER-007460.

*Ao Professor José Adriano  
de Freitas Carvalho,  
com muita gratidão*





## ELOGIO DE POETAS LUSITANOS – INTRODUÇÃO

I – Em 1631 sai da oficina lisboeta de Jorge Rodrigues um pequeno livro contendo um poema de 71 oitavas escrito em castelhano e intitulado *Elogio de Poetas Lusitanos*. O seu autor, o alferes Jacinto Cordeiro (1606-1646), era então já conhecido e apreciado pelas suas comédias, quase todas em castelhano, representadas em palcos de Lisboa. À data da publicação do *Elogio*, tinham já sido publicadas várias dessas comédias. Na primeira, *De la entrada del Rey en Portugal* (Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1621), pretende o autor

comemorar a viagem de Filipe III de Espanha a Portugal, uma viagem longamente aguardada e só realizada em 1619, que deu motivo a festivas e literárias celebrações. Outras seis comédias foram publicadas em volume em 1630<sup>1</sup>. Um segundo volume, incluindo mais seis comédias, será publicado em 1634<sup>2</sup>. A estes dois volumes haverá que acrescentar a edição avulsa de algumas das suas peças.

Mas nem só em produções para o palco se manifestava a sua veia poética. Vemo-lo, por exemplo, exaltar a restauração da independência portuguesa em 1640 num longo poema que ocupa dez páginas – *Silva a El Rey Nosso Senhor Dom João Quarto por seu menor vassalo o alferes Jacinto Cordeiro* (Lisboa, na oficina de Lourenço de Anveres, 1641), ou glosar uma quadra já glosada por Camões – «Campos bem-aventurados» –, adaptando-a à Restauração.

---

<sup>1</sup> *Seis comedias famosas (...) por el Alferes Jacinto Cordeiro (...)*. En Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1630.

<sup>2</sup> *Segunda parte de las Comedias del Alferes Jacinto Cordeiro (...)*. Lisboa, por Lourenço Craesbeeck, 1634.

Tal como estes poemas e a comédia sobre a viagem de Filipe III a Portugal, também o *Elogio de poetas lusitanos* é motivado por um facto concreto, neste caso não político, mas literário – a publicação do *Laurel de Apolo*, de Lope de Vega, em 1630<sup>3</sup>, uma extensa obra em que, segundo cômputo de Americo Castro, são elogiados «más de doscientos ochenta poetas de España y Portugal, treinta y seis franceses y italianos, veinticuatro ingenios de la antigüedad y diez pintores españoles»<sup>4</sup>. São dezasseis os poetas portugueses ali elogiados por Lope. Um número que Jacinto Cordeiro considera estranhamente escasso, tendo em conta a superabundância de engenhos poéticos em Portugal e a sua copiosa produção literária. Daí esta «justa» queixa que dirige ao «Fénix» de Espanha.

É essa a razão que o leva a tentar colmatar com este seu poema incompreensíveis

---

<sup>3</sup> *Laurel de Apolo, con otras rimas (...)*. Por Lope Felix de Vega Carpio (...). En Madrid, por Iuan González, Año 1630.

<sup>4</sup> Cf. Americo Castro e Hugo Rennert, *Vida de Lope de Vega (1562-1635)*, Salamanca, Ed. Anaya, 1969, p. 293).

lacunas do elenco do *Laurel de Apolo*, pois «ingenios tiene Luso a quien el arte/ postra veneración, debe sentido;/ que pueden del laurel pedir su parte/ sin juzgarle a ninguno de atrevido». Uma empresa inspirada não só por desejo de justiça – dar louvor aos poetas portugueses que, em seu entender, o merecem –, mas também por um sentimento patriótico que o obriga a celebrar os valores nacionais: «Honrar la patria en mí no es desatino,/ que es ley y obligación, y esta lo es mía». Ou seja, apesar da admiração que nutre pelo génio de Lope, reiteradamente expressa ao longo do texto, Jacinto Cordeiro não hesita<sup>5</sup> em sair a terreiro em defesa dos talentos poéticos nacionais, publicando esta espécie de adenda ao *Laurel* de Lope.

O desejo de «honrar a pátria» mediante a celebração dos seus valores literários encontra por estes anos expressões diversas. Recordem-se aspectos bem conhecidos, como o culto a Camões, apelidado de «prín-

---

<sup>5</sup> A presteza da reacção de Jacinto Cordeiro pode deduzir-se do relativamente curto intervalo entre a publicação do *Laurel* de Lope (1630) e a do seu *Elogio*, cuja primeira licença de impressão data de 14 de Abril de 1631.

cipe dos poetas de Espanha», concretizado não só no elevado número de edições da sua obra, mas também em traduções, comentários, panegíricos<sup>6</sup>; ou, na senda do Camões épico, as epopeias que ao longo do século XVII celebraram heróis portugueses<sup>7</sup>; ou a obra de António de Sousa de Macedo, publicada no mesmo ano do *Elogio* de Jacinto Cordeiro, com o título bem elucidativo de *Flores de España, excelencias de Portugal*

---

<sup>6</sup> Veja-se um panorama sucinto desta questão in Maria Lucília Gonçalves Pires, *A crítica camoniana no século XVII*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982. Veja-se, sobretudo, o magnífico catálogo da Exposição *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015) e os estudos que o acompanham.

<sup>7</sup> Recordem-se poemas como *O primeiro cerco de Diu* (Coimbra, por João Barreira, 1589) de Francisco de Andrade, *Afonso Africano* (Lisboa, por António Álvares, 1611) de Vasco Mouzinho de Quevedo, *Sucesso do segundo cerco de Diu* (Lisboa, por António Gonçalves, 1574) de Jerónimo Corte Real, *O Condestabre de Portugal D. Nuno Álvares Pereira* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1610) de Francisco Rodrigues Lobo, *Malaca conquistada por o grande Afonso de Albuquerque* (Lisboa, por Matias Rodrigues, 1634) de Francisco de Sá de Meneses, e *Prosopopeia* (Lisboa, por António Álvares, 1601), poema em que Bento Teixeira celebra um herói do Brasil, Jorge de Albuquerque Coelho.

(Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1631); ou ainda a longa lista de escritores portugueses notáveis que Faria e Sousa inclui no seu *Epítome de las historias portuguesas* (Madrid, por Francisco Martinez, 1628).

Esta vontade de celebração dos portugueses que se notabilizaram no domínio da produção literária assume ainda outra forma que interessa aqui destacar: as tentativas para elaborar uma «biblioteca lusitana», ou seja, um catálogo – sistematizado, actualizado e tão completo quanto possível – dos homens de letras de Portugal. Algumas dessas tentativas quase não passaram de projecto, mas são úteis fontes de informação mesmo nessa fase embrionária. É o caso da longa carta que D. Francisco Manuel de Melo dirige «ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca, Vigairo Geral do Arcebispado de Lisboa»<sup>8</sup>, em que expõe o seu plano, para o qual já atraíra «algũas pessoas doudas», de publicar «ũa Biblioteca Lusitana dos Autores Modernos», plano motivado pela «falta que padecemos nesta

---

<sup>8</sup> In D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*. Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa, INCM, 1980, pp. 409-422.

parte», apesar dos «abalisados autores que nas ciências divinas e humanas» Portugal «deu e está dando». Para fundamentar tão ambicioso projecto, apresenta então um elenco de nomes de autores de obras que considera dignas de registo nos diversos ramos do saber, da literatura à medicina, passando pela história, filosofia, teologia, etc. Uma longa lista de autores «modernos» a acrescentar aos «antigos que de si nos deixaram memória», numa apologia do tempo presente que não desmerece dos valores do passado.

Se é certo que, no conjunto da obra de D. Francisco Manuel de Melo, o projecto não foi além desta enumeração de autores considerados dignos de menção, ele será concretizado, em trabalhos distintos, por dois dos seus contemporâneos – João Soares de Brito e João Franco Barreto.

João Soares de Brito compôs uma obra intitulada *Theatrum Lusitaniae Litterarium sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*. Apesar de conter indicações que apontam para a sua publicação – Conimbricae Typis Academicis, anno 1655 –, este trabalho, que Barbosa Machado frequentemente refere, permanece ainda hoje inédito.



Indício de que a obra foi elaborada no ambiente de fervor nacionalista criado pela Restauração é a fórmula usada na sua datação, tanto no frontispício como no final do prólogo: «anno 1655, a restauratione Lusitani Imperii quindecim».

João Franco Barreto é um autor que se destaca antes de mais pelo seu labor de camonista, integrado no grupo de editores, comentadores, apologistas e imitadores de Camões que fizeram do século de Seiscentos uma época áurea dos estudos camonianos<sup>9</sup>. É também o elogiado autor de uma

---

<sup>9</sup> João Franco Barreto participou na polémica sobre o episódio camoniano do sonho de D. Manuel no canto IV dos *Lusíadas* com um *Discurso apologético sobre a visão do Indo e do Ganges* (Évora, Tipografia Eborense, 1895); deixou uma extensa e erudita obra intitulada *Micrologia camoniana em a qual se explicam todos os nomes propios, istorias, fabulas, nomes peregrinos, e lugares escuros, conteudos em os Lusíadas de Luis de Camões, e em suas rimas, primeira, segunda e terceira parte*, uma obra que, apesar da licença de impressão datada de 3 de Junho de 1672, só em tempos recentes foi publicada (João Franco Barreto, *Micrologia camoniana*. Prefácio de Aníbal Pinto de Castro, leitura e integração do texto de Luís Fernando de Carvalho Dias e Fernando F. Portugal, INCM/ Biblioteca Nacional, Lisboa, 1982); colaborou na edição de *Os Lusíadas* de 1651 como autor

tradução da *Eneida*<sup>10</sup>, na qual declara ter recorrido a muitos versos de *Os Lusíadas*, salientando assim a estreita ligação deste poema com a epopeia virgiliana.

E é sobretudo o autor de uma vasta *Biblioteca lusitana*<sup>11</sup>, ainda inédita, que terá sido fonte importante da obra homónima de Diogo Barbosa Machado. Mas, se é certo que muita da informação recolhida por Franco Barreto se encontra recuperada pelo ilustre bibliógrafo setecentista, não pode deixar de valorizar-se o facto de depararmos ali com testemunhos de um contemporâneo, em muitos casos amigo e

---

do «argumento» de cada um dos cantos, «argumentos» que passaram a acompanhar muitas das edições da epopeia ao longo dos séculos XVII e XVIII.

<sup>10</sup> *Eneida Portuguesa*. Por João Franco Barreto natural da Cidade de Lisboa. Lisboa, na officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1664; *Eneida Portuguesa*, segunda parte, *ib.*, 1670. Esta tradução foi reeditada em 1763 (Lisboa, por António Vicente da Silva) e 1808 (Lisboa, Tipografia Rolandiana). Há uma reedição mais recente (Lisboa, INCM, 1981), com introdução, notas, actualização e estabelecimento do texto por Justino Mendes de Almeida.

<sup>11</sup> *Bibliotheca Luzitana. Autores Portuguezes. 1.<sup>a</sup> Parte. Offerecida por João Franco Barreto seu Autor, natural da Cidade de Lx.<sup>a</sup>. Autor da Eneida Portuguesa.*

companheiro de lides literárias e até militares, de vários dos autores registados. Refiram-se, por exemplo, os nomes de D. Francisco Manuel de Melo, D. Francisco de Portugal, Faria e Sousa, Severim de Faria, Francisco de Santo Agostinho de Macedo, António de Sousa de Macedo, Manuel Pires de Almeida. Em relação ao *Elogio* de Jacinto Cordeiro, fornece informações inesperadas a que parece justificável prestar alguma atenção.

Logo no início da *Biblioteca lusitana* encontramos um texto de Cosme Ferreira de Brum, «Cavaleiro professo da Ordem de Cristo», amigo de Franco Barreto e autor dos «argumentos» dos cantos da sua *Eneida portuguesa*. Neste texto, que funciona como apresentação da obra e encómio do seu autor, Ferreira de Brum estabelece uma curiosa relação entre a *Biblioteca* de Barreto e o *Elogio de poetas lusitanos* de Jacinto Cordeiro. Escreve ele:

O grande Lopo Felix da Veiga Carpio, Príncipe dos Poetas Comicos no anno de 1630 sahio em Madrid com o seu Laurel de Apolo, composto de dez silvas em que recita (?) e louva os Poetas Principais de Hesperia

nha, e nos principios da terceira falla dos Portuguezes, e se chegou a nomear quinze não passou deste numero, do que estimulado com zello da Patria, logo no mesmo tempo sahio Jacinto Cordeiro, Poeta Comico, com huma Rellação em que mostrou como Lopo da Veiga andara muy deminuto e apontou hum numero mayor de Autores Portugueses. Sucedeo que a mesma nota, que Jacinto Cordeiro teve p.<sup>a</sup> com Lopo da Veiga, teve João Franco Barreto pera com Jacinto Cordeiro e assim se dispôs logo a dar principio a este tão grande edificio» (*Biblioteca lusitana*, vol. I, fol. 6r).

Segue-se uma «Carta que João Franco Barreto escreveu a Cosme Ferreira de Brum» (fols. 13v-19v). Ao contrário do que poderia julgar-se tendo em conta a sequência dos textos, esta carta é anterior ao elogio preambular. Não se trata, pois, de uma resposta ao texto do amigo, mas antes de considerações motivadas pela publicação do *Elogio de poetas lusitanos*, refutando juízos que Ferreira de Brum lhe teria atribuído infundadamente e procurando clarificar a sua opinião acerca daquela obra e do seu autor. Há nesta carta uma veemên-

cia que parece traduzir a indignação de quem se sente acusado de injustiça que não cometeu.

Assim, sem qualquer preâmbulo, começa por recusar o juízo negativo que Ferreira de Brum lhe terá atribuído acerca do *Elogio*:

Tão errada openião tendes de mi concebido acerca de elogio de Poetas Lusitanos que com a pena em a mão, por muitas vezes estive pera vos mostrar quanto vos enganais comigo nesta materia, com huma apologia em defença de seu Autor, mas pareceome escuzado porque elle por si mesmo se defende, e se vay a fallar verdade não me atrevy so tomar tão grande empresa; (...) não porque tenha por muito dificultoso livrallo das muitas calumnias que alguns envejosos e mal intencionados lhe poem (...), mas porque me sinto inhabil pera tratar de seus louvores e explicar o que de seu grande engenho sinto (fols 13v-14r).

Porque teria Franco Barreto em algum momento sentido necessidade de sair a público em defesa do autor do *Elogio*? Antes de mais para, rectificando a opinião

do amigo, «explicar» o que sente acerca «do seu grande engenho». Mas também para «livrallo das muitas calumnias que alguns envejosos e mal intencionados lhe poem». Ficamos assim a saber que a recepção do poema de Jacinto Cordeiro não foi pacífica. Quais as censuras ou «calumnias» contra ele formuladas? A referência a «envejosos» leva a considerar eventuais ressentimentos de quem se viu excluído do *Elogio*. Mas não podemos avançar mais no domínio das conjecturas.

Avancemos antes na leitura da carta de Franco Barreto e no seu esforço de clarificar o juízo que faz do texto de Jacinto Cordeiro:

O que eu Senhor, vos disse, digo, e direy he que querendo este poeta acudir pella honra do nosso Portugal e mostrar ao mundo (...) o lugar que sempre teve assi nas armas como nas letras e dar a conhecer a Lopo da Vega muitos que em seu Laurel passou por alto ou por descuido, ou por não ter noticia delles (...), parece não haver saído bem com seu intento; e quanto a mi devia ser a razão, por querer muy apressadamente dar a empresa estes seus versos (...), isto he o em que eu o condeno (fol. 14v).

Parece que, por trás da expressão que se pretende suavizada, o que Franco Barreto aqui afirma é que Jacinto Cordeiro falhou no seu propósito de demonstrar a grandeza das letras portuguesas – «parece não haver saído bem com seu intento». A justificar este fracasso estaria a precipitação com que fez publicar o poema. Uma obra imatura, portanto, sem tempo de reflexão e aperfeiçoamento. E sobretudo uma obra que, em consequência da sua publicação apressada e dos limitados conhecimentos do seu autor (também na entrada correspondente da *Biblioteca* aponta esta limitação<sup>12</sup>), dá uma imagem gravemente empobrecida do panorama literário português. A fundamentar este seu juízo, elenca uma série de autores que Jacinto Cordeiro não refere. A maior parte são autores do século XVI, não tendo em conta que o objectivo do autor era apresentar um quadro da produção poética portuguesa contemporânea. Mas, por muito graves que fossem as lacunas detectadas por

---

<sup>12</sup> «Jacinto Cordeiro – natural de Lx.<sup>a</sup> e aly Alferes. Teve m.<sup>to</sup> bom engenho, o que se acompanhara com letras fora de grande luzimento» (*Bibliotheca Luzitana*, fol. 555r).

Franco Barreto no *Elogio de poetas lusitanos*, dificilmente se poderá aceitar a afirmação de Ferreira de Brum de que tenha sido esse o motivo que o levou a organizar a sua *Biblioteca lusitana*, pois esta corresponde a um desejo e uma necessidade sentidos na época, como vimos, por diversos autores. Ressalve-se, no entanto, a sua declaração, na entrada referente a Jacinto Cordeiro, de alguma dívida para com este poeta: «Fez (...) hũ (...) elogio de Poetas Lusitanos (...) donde tomei noticia p.<sup>a</sup> esta impresa» (fol. 555r).

Perante a obra de Jacinto Cordeiro, Franco Barreto vai temperando as censuras com manifestações de apreço («Acabo com vos dizer que eu sou o mayor afeiçoado que este poeta tem»), e até com uma compreensiva indulgência para com as falhas que denunciou («Não ha erro mais digno de perdão, que huma falta de memoria, e por mim o julgo»).

A terminar a sua carta, regista um motivo pessoal de amargura. À observação do amigo de que o seu nome não constava entre os poetas elogiados por Jacinto Cordeiro, responde:



Lembrovos que se me não achais em esse elogio he porque o não mereço; moeda que so comigo corre; porque estamos a tempo que merecer la cosa es principal parte para no alcançarla<sup>13</sup> (fol. 19v).

Temos assim três autores que, por estes anos de meados de Seiscentos, se dedicam à tarefa de deixar memória dos numerosos escritores portugueses que consideram dignos dessa distinção, todos movidos, de forma mais ou menos explícita, pela vontade de valorizar o património literário português<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> A relação, não só injusta mas também absurdamente invertida, entre o mérito e o prémio – em vez de ser causa determinante do prémio, o mérito é considerado motivo para não o receber – é referida em textos de vários poetas da época, tanto espanhóis como portugueses, v. g. Quevedo e D. Francisco de Portugal. Note-se, porém, que a ausência do nome de Franco Barreto entre os autores elogiados por Jacinto Cordeiro poderia talvez ter uma explicação mais simples: o facto de, à data da publicação do *Elogio*, Barreto não ter ainda produzido qualquer obra literária relevante. Dessa época encontrámos apenas um seu poema encomiástico nas *Várias poesias* de Paulo Gonçalves de Andrade (1629).

<sup>14</sup> Refira-se ainda o trabalho mais tardio do padre Francisco da Cruz, S. J. (1629-1706), intitulado

II – O *Elogio* de Jacinto Cordeiro, através da sua relação genética com o *Laurel* de Lope de Vega, insere-se num tipo de poesia laudatória que o século de Seiscentos copiosamente produziu. Não só o panegírico individualizado, configurado de forma paradigmática nos poemas encomiásticos que acompanham tantas das obras publicadas nesta época, mas também (e mais relevante para este caso) a celebração colectiva através do elencar de nomes de poetas objecto do louvor. Uma forma de celebração que aparece por vezes integrada em obras de diferente natureza e intuito. Veja-se, a título de exemplo, no *Templo da Memória* de Manuel de Galhegos (1635), epitalâmio ao casamento do duque de Bragança, a

---

também *Bibliotheca Lusitana*, manuscrito existente na Biblioteca da Ajuda (cota 51-V-50). Barbosa Machado informa que este autor «juntou as Memórias que tinham escrito Jorge Cardoso, João Franco Barreto e João Soares de Brito para a Bibliotheca Lusitana acrescentando muitas notícias», e confessa a sua dívida para com o trabalho destes seus antecessores: «assim de huns como de outros colhi muitas notícias que formão esta Bibliotheca cuja confissão faço tão clara para não ser acusado de ingrato a tão grande beneficio». (*Biblioteca lusitana*, vol. II, pp. 139-140).

«Apóstrofe aos engenhos de Portugal exortando-os a que celebrem este felice casamento»<sup>15</sup>. Mas o *Elogio*, tal como o *Laurel*, têm a enumeração panegírica desses engenhos como escopo essencial.

Subjacente à organização destas listas de poetas elogiados encontra-se a vontade (a necessidade?) de proceder a uma selecção. É que o texto versificado parece invadir quase todos os aspectos da vida social desta época, e é incontável o número dos indivíduos que por estes anos se dedicam, com maior ou menor qualidade, à produção poética. Daí que deparemos frequentemente com críticas acerbas a essa multidão de pseudopoetas que, sem talento literário nem conhecimento das exigências do trabalho poético, usurpam um nome a que não têm direito e pretendem integrar um escol em que não há lugar para eles. Recorde-se, por exemplo, a denúncia deste abuso em obras como a *Primeira e segunda parte dos*

---

<sup>15</sup> Manuel de Galhegos, *Templo da Memoria. Poema epithalamico, nas felicissimas bodas do Excellentissimo Senhor Duque de Bargaça (...)*. Em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck, 1635, fols. 119v-125v.

romances de Rodrigues Lobo (1596)<sup>16</sup>; ou a mais célebre (e mais virulenta, apesar do tom jocoso do texto) de Cervantes na sua *Viaje del Parnaso* (1614)<sup>17</sup>, bem como vários passos de obras de Lope; ou ainda as observações cáusticas de Bocalino<sup>18</sup> no *Hospital das letras* de D. Francisco Manuel de Melo.

A poesia está, de facto, presente em todo o tipo de celebrações promovidas pela socie-

---

<sup>16</sup> Escreve o poeta: «Voime a defender las Musas,/ por que le [o Parnaso] tienen cercado/ los millones de Poetas,/ que han ese nombre usurpado» (cf. *Primeyra e segunda parte dos romances de Francisco Roiz Lobo* (Coimbra, 1596), Duque y Marqués, Valencia, 1960, p. 99).

<sup>17</sup> Diz Mercúrio a Cervantes: «Pasa, raro inventor, pasa adelante/ con tu sutil desinio, y presta ayuda/ a Apolo, que la tuya es importante,// antes que el escuadrón vulgar acuda/ de más de veinte mil siete-mesinos/ poetas que de serlo están en duda.// Llenas van ya las sendas y caminos/ desta canalla inútil contra el monte,/ que aun de estar a su sombra no son dinos.» (*Viaje del Parnaso*. Edición, introducción y notas de Vicente Gaos. Clásicos Castalia, Madrid, 1990, pp. 61-62).

<sup>18</sup> Bocalino refere ironicamente estes tempos que «sofrem tal quantidade de desvarios como no mundo correm com o nome de poesias», em que «se comutaram a poetas todas as sete pragas do Egipto» (Cf. *Le dialogue "Hospital das Letras"*, p. 54).

dade do tempo: celebrações festivas ou lutuosas, civis ou religiosas, de alcance geral ou restrito, de factos importantes ou acontecimentos frívolos. Uma presença por vezes efémera, como acontece com os poemas inscritos em tarjas, painéis, colunas, arcos triunfais de cidades engalanadas em ocasiões festivas, de que apenas ficou memória em alusões constantes das «relações» dessas festas; uma poesia afinal tão efémera como a arquitectura em que foi registada.

Outras vezes, poesia impressa sem indicação do nome dos seus autores, como acontece com volumes publicados pela Universidade de Coimbra: um celebrando o nascimento do futuro Filipe IV<sup>19</sup>, outro ao nascimento de seu filho, o príncipe Baltasar Carlos<sup>20</sup>, outro ainda representando a participação da Universidade nas celebrações da cidade por ocasião da canonização da rainha

---

<sup>19</sup> *Augustissimo Hispaniarum Principi recens nato Phillippo Dominico Victorio Austriaco (...) natalitium libellum dedicat Academia Conimbricensis*. Coimbra, por Diogo Gomes de Loureiro, 1606.

<sup>20</sup> *Augustissimo Hispaniarum Principi recens nato Balthasari Carolo Phelippi (...) natalitium libellum dedicat Academia Conimbricensis*. Coimbra, por Diogo Gomes de Loureiro, 1630.

santa Isabel<sup>21</sup>. Um anonimato destinado a realçar, acima das participações individuais, a homenagem da instituição.

Contudo, a publicação de poemas desacompanhados do nome dos seus autores pode considerar-se a excepção e não a regra. Factos que foram objecto de celebrações colectivas transformam-se em motivos de composições poéticas, quer de iniciativa individual (embora se não possam esquecer os casos em que tais iniciativas resultam de pedidos ou encomendas), quer resultantes de concursos organizados por entidades várias. Distinguimos, por isso, as «relações» poéticas de festas e outras comemorações, da participação de poetas em certames ou justas poéticas, frequentemente integrados no programa das festividades.

As relações de festas, quer em prosa, quer em verso, têm sempre o mesmo objectivo: dar uma imagem deslumbrante do fausto, do brilho, da solenidade dessas manifestações de júbilo ou devoção. Recor-

---

<sup>21</sup> *Sanctissimae Reginae Elisabethae poeticum certamen dedicat & consecrat Academia Conimbricensis* (...). Em Coimbra, por Diogo Gomes de Loureiro, 1626.

dem-se, como exemplos de «relações» em verso, o conjunto de romances que constituem *La jornada que Felipe III hizo a Portugal*<sup>22</sup>, de Rodrigues Lobo; ou a *Relación de las fiestas con que la ciudad del Porto solemnizó el felice nacimiento del Principe Balthazar Carlos Domingo* (Porto, por João Rodrigues, 1631), poema em 44 oitavas da autoria de João de Brito de Castelbranco.

Integrados no programa dessas festas, quase como elemento indispensável para a sua solenidade, surgem com frequência os certames ou justas poéticas, concursos que convocam a voz dos poetas para o engrandecimento do evento celebrado. Como recorda Aurora Egido<sup>23</sup>, os poemas apresentados nestas justas têm de submeter-se às regras previamente estabelecidas pelos juízes do concurso, desde óbvias regras

---

<sup>22</sup> *La jornada que la Magestad Catholica del Rey Don Phelippe III de las Hespañas hizo a su Reyno de Portugal; y el triumpho, y pompa con que le recibió la insigne ciudad de Lisboa el año de 1619: compuesta en varios romances por Francisco Rodriguez Lobo.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1623.

<sup>23</sup> Vd. Aurora Egido, «Poesía de justas y academias», in *Fronteras de la poesía en el Barroco*, Barcelona, Editorial Crítica, 1990, pp. 115-137.

temáticas até normas referentes ao género de poemas a compor e idiomas a utilizar; e há prémios para os melhores.

Não temos, para o caso português, trabalho idêntico ao elaborado por José Simón Díaz para as justas poéticas realizadas em Espanha<sup>24</sup> (e houve em muitas delas participação de poetas portugueses), mas temos testemunhos publicados de poemas produzidos nessas circunstâncias. Refiram-se dois deles, exemplificando motivos diferentes da organização desses concursos poéticos.

O primeiro, ainda do século XVI, é o certame incluído na relação das festas com que foi celebrado em Lisboa o recebimento de um «tesouro» de relíquias oferecido por D. Juan de Borja à igreja de S. Roque<sup>25</sup>, cer-

---

<sup>24</sup> Vd. *Siglos de Oro: índice de Justas Poéticas*. Introducción y bibliografía por José Simón Díaz; índice de autores por Luciana Calvo Ramos, Madrid, C.S.I.C., 1962.

<sup>25</sup> Vd. *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa às santas reliquias que se levaram à igreja de sam Roque da Companhia de Jesus aos 25 de Janeiro de 1588*. Pello Licenciado Manoel de Campos. Impresso em Lisboa, por Antonio Ribeiro, 1588. Sobre este acontecimento, leia-se José Adriano de Freitas Carvalho, «Os recebimentos de relíquias em



tame em que eram admitidos poemas em latim, português, castelhano e italiano; participaram poetas como Diogo Bernardes (que recebeu o prémio das composições em castelhano), André Falcão de Resende, Pero de Andrade Caminha, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, entre muitos outros menos conhecidos.

O segundo certame que destacamos é o que foi organizado por D. Fernando de Faro em honra do conde de Linhares D. Miguel de Noronha<sup>26</sup>, governador e capitão-geral de Tânger, celebrando a façanha de enfrentar sozinho um leão e matá-lo às lançadas. O volume em que foram publicadas as composições apresentadas a concurso consta de 64 sonetos (o soneto era a única forma poética admitida neste certame) da autoria de 51 poetas (alguns concorrem

---

S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia», in *Via Spiritus*, n.º 8, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, pp. 95-155.

<sup>26</sup> *Certamen poetico, em louvor de Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares (...) ao valor com que no seu campo, só â vista de todos, matou hum leão as lançadas. Ordenado por D. Fernando de Faro.* Lisboa, por Geraldo da Vinha, [1625].

com dois ou três poemas) e indica os nomes dos «juízes do certamen» – Nuno de Mendonça e D. Jerónimo de Ataíde – bem como dos autores premiados: António Álvares Soares, Martim Afonso de Torres e João de Araújo. O carácter duvidosamente heróico do feito do conde e a sua hiperbólica celebração não escaparam à veia satírica de D. Tomás de Noronha que, num bem conhecido soneto, mete a ridículo tanto o gesto do conde, reduzido a um infantil «fazer cocos» com «um bichinho», como a «grande sonetada» que o louvou<sup>27</sup>.

Perante tão copiosa produção poética, é natural que se fizesse sentir a necessidade de uma selecção que distinguisse os bons poetas, dignos por isso de serem nomeados. É esse o intuito das múltiplas listas de nomes de poetas com que deparamos por estes anos.

---

<sup>27</sup> Este soneto, que começa com a quadra «Matou o senhor conde de Linhares/ um leão; por que tudo se publique./ mui grande sonetada o testefique,/ vozeando-lhe vozes populares.», aparece publicado, creio que pela primeira vez, in *A Fénix Renascida ou obras dos melhores engenhos portugueses*, Lisboa, na oficina de António Pedroso Galvão, 1716-1728, vol. V, p. 234.

Esses elencos de nomes, em tempos apreciados negativamente, em bloco, por Ares Montes<sup>28</sup>, foram recentemente objecto de estudo por parte do professor José Adriano de Freitas Carvalho, que analisa e interpreta a contribuição de cada um deles para o estabelecimento de um possível cânone poético português no século XVII, um trabalho que, obviamente, nos serve aqui de fio condutor<sup>29</sup>.

Perante estas listas, várias questões se põem ao leitor de hoje, desde a identificação de muitos dos poetas ali incluídos, à justificação dessa inclusão e possíveis motivos, de ordem vária, que a determinaram. E também a diversidade que apresentam: presenças e ausências; nomes que são constantes em todas elas; nomes de ocorrência

---

<sup>28</sup> O autor refere-se a «esos repertorios nominales, balbuceo de crítica sin apenas caracterización individual, donde todos son elogiados con las mismas hipérboles» (in José Ares Montes, *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*, Madrid, Ed. Gredos, 1956, p. 83).

<sup>29</sup> José Adriano de Freitas Carvalho, «La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación», in *Bulletin Hispanique*, tome 109, n.º 2, Décembre 2007, pp. 473-509.

rara ou mesmo única<sup>30</sup>. Para além do factor cronológico, explicação evidente para a ausência de nomes de poetas que só se revelaram em data posterior (e o *Elogio* de Jacinto Cordeiro é a primeira publicada por poeta português), interessar-nos-iam sobretudo os critérios de ordem literária que as fundamentam. Mas esses raramente são explicitados, pois estamos perante textos que têm por objectivo a construção de um discurso panegírico, não de crítica literária. A excepção é o *Hospital das Letras* de D. Francisco Manuel de Melo (1657), em que os juízos críticos formulados são baseados quer num conceito de poesia claramente explicitado, quer em normas que integravam o código poética da época, como o princípio da imitação, quer em normas específicas de alguns géneros literários. Uma excepção que decorre do diferente intuito da obra: um trabalho de crítica que o autor apresenta como observação de livros que jazem naquele «hospital».

---

<sup>30</sup> Instrumento utilíssimo para esta análise é o quadro elaborado pelo Prof. José Adriano de Freitas Carvalho apresentado em apêndice ao artigo referido na nota anterior.

declarando uns sãos, outros incuráveis, e recomendando «remédios» aos que deles necessitam para se curarem dos «males» que os afectam.

Até que ponto podemos considerar estas séries de nomes, bem como os juízos, quase sempre hiperbolicamente elogiosos acerca deles formulados, representações adequadas do universo literário português do século XVII? Como explicar as diferenças que apresentam? É necessário ter em conta, como já referido, a sua dimensão epocal: cada autor destaca, naturalmente, os poetas mais apreciados no tempo em que escreve.

Mas é talvez ainda mais significativo o factor social: o autor estará mais atento aos valores literários que se revelam no seu círculo de amigos e conhecidos; ou ao prestígio – social, cultural, mecenático – de autores nomeados e ao poder que desse prestígio emana. Um poder que motiva encómios e que atrai celebrações. Factores condicionantes que não podem deixar de ser tidos em conta no equacionar da validade dos juízos emitidos.

III – O discurso panegírico construído por Jacinto Cordeiro neste seu *Elogio* integra-se numa linha que consiste no aproveitamento do conjunto de mitos literários centrados na imagem do Parnaso. Embora explorando sobretudo, como impunha a sua relação com o *Laurel* de Lope, o simbólico louro, representação mítica da consagração do talento do poeta, ocorrem ao longo do texto múltiplas referências a Apolo, às musas (nomeadamente a Talia, inspiradora da comédia e da poesia ligeira), às fontes de Aganipe e de Hipocrene e ao mágico poder inspirador das suas águas.

Mas este núcleo mitológico aparece por então já reduzido a um cliché, mero lugar comum da linguagem literária, quer se trate de referência ao trabalho da criação poética, quer da apreciação crítica do produto desse trabalho. Se, como refere Marc Fumaroli<sup>31</sup>, o Parnaso (tal como a Arcádia e a Academia) terá sido, em tempos do humanismo, uma das formas de repre-

---

<sup>31</sup> Cf. Marc Fumaroli, «Academia, Arcadia, Parnaso, tres lugares alegóricos del elogio del ocio letrado», in *La República de las Letras*, Barcelona, Acantilado, 2013, pp. 73-111.

sentação alegórica do lugar de exercício do *otium studiosum* dos letrados, esse valor vai-se perdendo ao longo do século XVII. E se é certo que é utilizado ainda como exaltação e glorificação de poetas<sup>32</sup>, a sua utilização repetida e indiscriminada vai fazê-lo perder a sua aura de mito clássico e transformá-lo em tropo banalizado, acabando mesmo por se tornar em objecto de frequentes paródias literárias<sup>33</sup>.

No texto de Jacinto Cordeiro estas referências mitológicas estão na base da construção dos principais processos estilísticos a que recorre para celebrar os poetas enumerados. Não apenas o recurso ao consagrado louro como símbolo da fama e glória

---

<sup>32</sup> Veja-se, por exemplo, a cena final de *O pastor peregrino* de Francisco Rodrigues Lobo, em que o pastor Lereno, num cenário de deslumbramento e maravilha, recebe «a coroa de louro, murta e flores/ com que Apolo os [seus] versos engrandece» (F. Rodrigues Lobo, *O pastor peregrino*, Lisboa, Vega, 2004, pp. 299-301).

<sup>33</sup> Vd. Maria Lucília Gonçalves Pires, «Voyages au Parnasse: des chemins de la parodie baroque», in *Le Baroque Littéraire, théories et pratiques*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 27-34.

devidas ao génio literário, ou a representação metonímica da poesia através da figura das musas, mas também a tentativa de superação desse universo mítico mediante a utilização de hipérboles, a expressão do excessivo, aliás na linha do que constitui um dos traços dominantes da linguagem barroca. Assim, apresenta poetas que não só merecem ser laureados por Apolo, mas são eles próprios um «nuevo Apolo» (Gabriel Pereira de Castro, est. 6); ou se atrevem «a quitarle el laurel al mismo Apolo» (Cristóvão Soares de Albergaria, est. 25); ou, em vez de beneficiários, são fautores da glória das entidades míticas, como Jacinto Freire de Andrade (est. 34), «gloria de Helicon», Manuel Soares de Albergaria (est. 46), que dá prestígio ao próprio louro – «el laurel para honrarse en el florece» e Diogo Lopes de Leão (est. 65) que «honrar podia/ el mismo Apolo que el laurel reparte».

A linguagem encomiástica deste texto recorre também insistentemente a termos e conceitos tornados correntes pela actividade teorizadora e crítica da época. Termos e conceitos que virão a ser amplamente teorizados em obras fundamentais da poética barroca como o tratado *Delle acut-*



*tezze*<sup>34</sup> (1639) de Matteo Peregrini, ou *Agudeza y arte de ingenio*<sup>35</sup> (1648) de Baltasar Gracián. Embora sem qualquer preocupação de rigor teórico, há no *Elogio* a utilização de vocábulos já então usuais para designar qualidades da linguagem poética, vocábulos correspondentes a conceitos que tratados como aqueles procuram definir, propondo normas e exemplos para o seu uso correcto. Não surpreende, por isso, que termos como «ingenio», «agudeza», «concepto» se destaquem no vocabulário panegírico de Jacinto Cordeiro. E se lembrarmos o que foi, na época barroca, a valorização do deleite e do deslumbramento como funções da poesia, compreende-se melhor a proliferação de plumas «deleitosas», de estilo «sumptuoso», de «pompas», «galas» e «asombros» neste seu *Elogio*.

---

<sup>34</sup> Matteo Peregrini, *Delle acutezze che altrimenti spiriti, vivezze e concetti volgarmente si appellano*, Bolonha e Génova, 1639.

<sup>35</sup> A primeira versão desta obra foi publicada em 1642 com o título de *Arte del ingenio, tratado de la agudeza en que se explican todos los modos y diferencias de conceptos* e atribuída a Lorenzo Gracián.

Um *Elogio* que é um tecido de hipérbolos, uma excessivamente generosa distribuição dos louros de Apolo. Que significa para o investigador de hoje este longo elenco laudatório de nomes de poetas, muitos deles caídos em total esquecimento, ao ponto de, em alguns casos, se tornar quase impossível a sua identificação?

Trata-se de um documento relevante para a história da literatura portuguesa, enquanto testemunho de um autor acerca da produção poética do universo literário em que se situa. Uma produção que hoje não podemos avaliar plenamente, pois em grande parte não passou da forma manuscrita, em suporte frágil que em poucos casos resistiu ao tempo. Podem estranhar-se certas presenças e ausências, como alguns dos seus contemporâneos terão estranhado (não necessariamente as mesmas, e não certamente pelos mesmos motivos), mas tal não invalida o interesse das informações que nos fornece.

Estamos perante uma visão do panorama literário português marcada por condicionantes de natureza cronológica, social e individual. A visão de um autor que, para além de valores que possam

vencer o tempo, reflecte ideias e juízos da sua época e do seu meio, ao mesmo tempo que dá voz a um desejo comum de celebração de glórias pátrias. E que, com o elenco de poetas que celebra, dá também o seu contributo para a construção dessa «biblioteca lusitana», projecto que vemos acalentado por diversos homens de letras ao longo do século XVII. Um contributo a que Barbosa Machado dará relevo ao citar com tanta frequência as elogiosas apreciações de Jacinto Cordeiro.

## CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

Reproduz-se a primeira edição, impressa em Lisboa em 1631, seguindo o exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal.

Registam-se em nota os casos de leitura diferente constantes da versão do texto do *Elogio* apresentada por Domingo Garcia Peres.

Procede-se à numeração das estrofes, incluindo-a entre [ ], uma vez que não consta da edição original.

Actualiza-se a ortografia, com excepção de específicas características epocais.

Moderniza-se a pontuação.



Jacinto Cordeiro  
ELOGIO DE POETAS LUSITANOS

Décima

*Do Licenciado António Raposo  
ao Alferes Jacinto Cordeiro*

En la defensa alentada  
a que salís no presuma  
ni animarse ajena pluma  
ni oponerse altiva espada,  
porque la vuestra encontrada  
con el valor que reparte,  
vuestro ingenio opuesto al arte,  
muestran por único y solo  
que con las glorias de Apolo  
vencéis los triunfos de Marte.







## LICENÇAS

Vi este Elogio composto por o Alferes Jacinto Cordeiro; não tem cousa contra a Sancta Fé e bons costumes. Engenhosamente encarece os louvores dos poetas portuguezes, no que mostra quão generoso é o seu engenho, pois tira de seus encómios pera os pôr nos outros, polo que não se dirá dele *singulus singulum odit*. E, merecendo o laurel da poesia, dá a seus émulos, ficando deles nisto avantajado. E assi sou de parecer que se lhe conceda esta licença, para agrado dos curiosos da Poética. Em S. Domingos de Lisboa, 14 de Abril de 631.

*Fr. Tomás de S. Domingos, Magister.*

Vi este Elogio, de louvores de muitos insignes poetas lusitanos, composto por Jacinto Cordeiro, alferes. Não há em ele cousa algũa que repugne a nossa Sancta Fé e bons costumes, antes é muito curioso e muito digno de louvor, pois toma a sua conta louvar e engrandecer os insignes entendimentos e excelentes subjeitos de sua pátria. Lisboa, em o mosteiro de Nossa Senhora

do Desterro da Ordem de S. Bernardo, aos 12 dias do mês de Maio de 1631.

*O Doutor Fr. Melchior de Abreu.*

Vistas as informações, pode-se imprimir este Elogio, e depois de impresso torne conferido com seu original para se dar licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa, aos 15 de Maio de 631.

*Gaspar Pereira. D. João da Silva. D. Miguel de Castro. Francisco Barreto. Fr. António de Sousa.*

Concedo licença para se poder imprimir este Elogio. Lisboa, 17 de Maio de 1631.

*João Bezerra Jácome, Chantre de Lisboa.*

Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário. Em Lisboa, a 5 de Junho, 1631.

*Araújo. Cabral. Pimenta de Abreu. Salazar. Barreto.*

Está conforme com o original. Em S. Domingos, a 17 de Junho de 1631.

*Fr. Tomás de S. Domingos, Magister.*

Taxa-se em um vintém. Em Lisboa, a 18 de Junho de 1631.

*Araújo. Cabral. Pimenta de Abreu. Salazar. Barreto.*

## SENHORES POETAS

Este Elogio escrevi em tercetos ao Fénix de Espanha, Lopo de Veiga Carpio, pera que tivesse notícia de Vossas Mercês, havendo-se esquecido no seu *Laurel de Apolo* de muitos que aqui vão, que com muita justiça pudera nomear. Reduzi-o de tercetos a octavas pera que me não pudessem caluniar (os que presumem muito e escrevem pouco) o passar com o concepto de algum terceto a outro, como se não faz no latim nos versos elegíacos, saindo desta regra os melhores poetas de Espanha, como se pode ver em Garcilaso, na Elegia II, em que diz:

*Y así en mitad de aqueste monte espeso  
de las diversidades me sostengo,  
no sin dificultad, mas no por eso*

*dejo las Musas, etc.*<sup>36</sup>

Não fez isto Garcilaso por ignorar a arte, como se prova também que a não ignorou

---

<sup>36</sup> Garcilaso, *Obras*. Edición y notas de T. Navarro Tomás, Madrid, Espasa-Calpe, 1963, pp. 158-159.

o assombro dos poetas de Espanha, Lopo de Veiga Carpio, naquela epístola a D. Miguel de Solis, no seu *Laurel de Apolo*, donde diz assi:

*Salen tal vez de las materias rudas,  
como embriones que el ingenio forma,  
no siempre de arte y de valor desnudas  
máquinas que despues pule y reforma*<sup>37</sup>.

Porém, entendo eu que o que em tão galhardos engenhos é gala, fora em mi erro, e quem tem enemigos, por habilidade mostrará muita quando não dê lugar a que motejem de suas obras, não obstante que o doctíssimo Cascales, nas suas *Tábuas poéticas*, aprova que nos tercetos pode passar a sentença a segundo, terceiro e quarto terceto, e nas octavas passar até três, como se acha em poetas épicos famosos. Contenda houve entre muitos engenhos sobre se, acabado um verso, se pode reservar o epíteto pera o princípio do segundo, ou se,

---

<sup>37</sup> Esta «Epistola a Don Michael de Solis» foi publicada com a primeira edição do *Laurel de Apolo* (Madrid, por Iuan Gonçalez, 1630). Os versos citados encontram-se na fol. 118v.

acabado o verso no epíteto, dar-lhe o sustantivo no seguinte. Bembo, Mi[n]turno e Cascales aprovam, que deste modo cobra o verso mais gravidade. Eu o tenho visto em Camões, Garcilaso, Montemayor<sup>38</sup>, Ercilla<sup>39</sup>, Barahona<sup>40</sup>, em Ariosto, Tasso, Petrarca, Boccaccio, Alemão<sup>41</sup> e Serafino<sup>42</sup>.

---

<sup>38</sup> O poeta português Jorge de Montemor (1520-1561), autor da célebre novela pastoril *Los siete libros de la Diana*, e de obras poéticas como *Cancionero* e *Segundo cancionero espiritual*.

<sup>39</sup> Alonso de Ercilla y Zuñiga (1533-1594), poeta-soldado que participou na guerra de conquista das Índias espanholas, fez dessa experiência matéria do seu poema épico *La Araucana*, que foi sendo publicado ao longo de vinte anos: a primeira parte (quinze cantos) em 1569, a segunda (até ao 29.<sup>o</sup>) em 1578, e a terceira (seis cantos) em 1589.

<sup>40</sup> O poeta espanhol Barahona de Soto (1548-1595), autor de abundante produção lírica transmitida apenas através de manuscritos, notabilizou-se sobretudo pelo poema épico em oitavas, inspirado em episódio do *Orlando furioso* de Ariosto, publicado com o título de *Primera parte de la Angélica* (Granada, 1586).

<sup>41</sup> Cremos tratar-se do poeta italiano Luigi Alamanni (1495-1556), cujas *Opere toscane*, publicadas em 1532, foram dedicadas a Francisco I de França, seu protector.

<sup>42</sup> Trata-se provavelmente do poeta italiano Serafino de' Ciminelli Aquilano (1466-1500). A sua obra foi

Aos que parecer mal fazer este Elogio em octavas por ser cousa tão breve, podem ler a Bembo, que fez um canto de amor em cinquenta somente, que a primeira começa:

*Nel' odorato e lucido Oriente*

Traduzido anda em castelhano por Boscão, donde se enganou na primeira palavra de *odorato*, que não significa *dourado*, como ele diz, senão *cheiroso*<sup>43</sup>; o

---

publicada logo após a sua morte: *Opera del facundissimo Seraphino Aquilano*, Roma, 1502.

<sup>43</sup> Jacinto Cordeiro limita-se aqui a repetir uma observação de Cascales, que escreve nas suas *Tablas poéticas*: «Aunque el Bembo hizo del amor un canto solo de cinquenta estancias, que es lo menos que en este verso se ha visto de poeta docto. La primera comienza “Ne l’odorato e lucido Oriente”, etc. Este canto traduxo Boscán en castellano, y comienza: “En el dorado y lucido Oriente”, etc. En la primera palabra se engañó, que *odorato* no quiere decir *dorado*, sino *oloroso*.» (Francisco Cascales, *Tablas poéticas*. Edición, introducción y notas de Benito Brancaforte. Espasa-Calpe, Madrid, 1975, p. 118). Mas também Cascales se enganou, pois na tradução de Boscán lê-se «En el *umbroso* y fértil Oriente» (Juan Boscán, *Obra completa*. Edición de Carlos Clavería. Madrid, Cátedra, 1999, p. 375).

*Penedo das lágrimas*<sup>44</sup> menos octavas tem; o *Polifemo* do grande engenho de Espanha D. Luís de Góngora<sup>45</sup>, as festas de Madrid pelo eminente D. João de Alarcão<sup>46</sup>, com

---

<sup>44</sup> *El peñasco de las lágrimas* é um poema, composto de 44 oitavas, do poeta português Francisco de França e Costa (na publicação das suas obras usa a forma castelhanizada do nome – Francisco de Francia y Acosta). Como explica o autor, trata-se de uma fábula inspirada num penedo existente «en la orilla del Duero (...), llamado comunmente de los naturales ‘o penedo das lágrimas’, por las muchas que de contino derrama». Publicado de forma autónoma em 1623 e dedicado «a la señora doña Ana de Sande, menina de la Reyna nuestra señora», o poema foi posteriormente integrado no seu *Jardín de Apolo* (Madrid, por Juan González, 1624) e dedicado a D. María de Guzmán, filha do conde-duque de Olivares. Utilizámos a edição publicada em Coimbra, por Manuel Dias, em 1658. Há uma edição moderna (Cieza, «...la fuente que mana y corre...», 1969) que reproduz a de 1624.

<sup>45</sup> A *Fábula de Polifemo y Galatea* de Góngora é composta por 63 oitavas (incluindo as três da dedicatória ao conde de Niebla).

<sup>46</sup> Referência ao *Elogio descriptivo a las fiestas que su Magestad del Rey Filipo III hizo (...) en Madrid a 21 de Agosto de 1623 (...) a la celebración de los conciertos entre (...) Carlos Estuardo, Principe de Inglaterra, y (...) Maria de Austria Infanta de Castilla* (Madrid, por la viuda de Alonso Martin, 1623), obra composta de 73 oitavas, da autoria de Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza.

ser cousa pouca, andam escritas na mesma compostura. De maneira que por todas as rezões fica disculpado quem com tanto gosto só tratou de servir a Vossas Mercês, sem mais interesse que o de mostrar ao mundo que sempre o nosso Portugal teve o lugar que merece assi nas armas como nas letras. Guarde Nosso Senhor a Vossas Mercês como desejo. Lisboa, a 10 de Abril de 1631.

Criado de Vossas Mercês

*Jacinto Cordeiro*



*Os poetas lusitanos que nomeou Lopo da Veiga Carpio no seu Laurel*<sup>47</sup> são os seguintes:

O Senhor D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> O elogio deste conjunto de letrados portugueses, precedido do elogio da cidade de Lisboa, da terra lusitana e da sua «gente belicosa», encontra-se na «Silva terceira» do *Laurel de Apolo*.

<sup>48</sup> D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga à data da publicação do *Laurel* (fora antes bispo de Portalegre e do Porto e viria a ser arcebispo de Lisboa), figura notável no panorama literário, eclesiástico e político do seu tempo, é autor de obras de carácter teológico e de história eclesiástica, tais como *Explicação dos jubileus* (Porto, 1622), *Catálogo e história dos bispos do Porto* (*ib.*, 1623), *História eclesiástica de Braga*, (2 vols., Braga, 1634-1635). D. Francisco Manuel de Melo, que se lhe refere como «o venerável senhor D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, sábio em todas as faculdades», distingue-o não só na área dos «Cânones sagrados», mas também como genealogista, pois é autor de um *Nobiliário de famílias ilustres de Portugal* (ms.). Releve-se o facto de D. Rodrigo – «ilustríssimo Rodrigo», «dulce Mecenas de mi ruda Urania» – aparecer em primeiro lugar na lista dos homens de letras portuguesas que Lope de Vega celebra. Sobre as relações literárias entre o poeta espanhol e o letrado português, veja-se José Adriano de Freitas Carvalho, «D. Rodrigo da Cunha, mecenas de Lope de Vega», in D. Francisco de Portugal, *Epistolarário a D. Rodrigo da Cunha (1616-1631)*, Porto, CITCEM/Edições Afrontamento, 2015, pp. 42-56.

Francisco de Macedo<sup>49</sup>

Francisco de Sá de Miranda<sup>50</sup>

Luís de Camões<sup>51</sup>

Jerónimo Corte Real<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo (1596-1681), pregador, poeta e autor de obras sobre Retórica e Poética, alcançou posição de relevo no ambiente literário da época, tanto em Portugal, como em Espanha e Itália, países por onde se repartiu a sua agitada vida. À data do elogio de Lope no *Laurel*, louvando a sua «retórica dulce y amorosa» e a sua «lira latina, culta y grave», Francisco de Macedo tinha publicado o poema épico *Apotheosis Sanctae Elisabethae Reginae Lusitaniae epico carmine liber unicus* (Coimbra, 1625) e as *Theses Rhetoricae omni eruditione refestae* (Madrid, 1628). Muitas das suas obras ficaram inéditas, nomeadamente uma tradução latina de *Os Lusíadas*, só publicada em 1880.

<sup>50</sup> O «gran Sá de Miranda» lhe chama Lope de Vega.

<sup>51</sup> Luís de Camões, o «divino Camões», é celebrado por Lope não só como poeta épico, émulo de Virgílio e Homero – «vuestras *Lusíadas*,/ postrando *Enéidas* y venciendo *Ilíadas*» –, mas também como lírico – «diciendo con decoro/ y majestad sonora/ (...) “Que mais anos servira, se não fora/ para tan largo amor tan curta a vida”».

<sup>52</sup> Jerónimo Corte-Real (?-1588), a quem Lope designa de «docto Corte Real», é o autor dos seguintes poemas épicos: *Sucesso do segundo cerco de Diu* (Lisboa, 1574), *Felicissima victoria concedida del cielo al señor don Juan d’Austria en el golfo de Lepanto* (Lisboa, 1578); *Naufração e lastimoso sucesso*

O Senhor Nuno de Mendonça<sup>53</sup>

Diogo Bernardes<sup>54</sup>

António das Póv[o]as<sup>55</sup>

---

*da perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Leonor de Sá sua mulher* (Lisboa, 1594).

<sup>53</sup> Nuno de Mendonça, primeiro conde de Vale de Reis, classificado por Barbosa Machado como protector «dos estudiosos e amantes das letras», terá composto, em português e castelhano, várias poesias que ficaram manuscritas, acerca das quais escreve D. Francisco Manuel de Melo que eram, «se não públicas, muito merecedoras de ser publicadas» (in *Cartas familiares*, Lisboa, INCM, 1980, p. 414). Encontram-se dois sonetos seus no chamado *Cancioneiro Manuel de Faria* (cf. *The Cancionero "Manuel de Faria"*. A critical edition with introduction and notes by Edward Glaser, Aschendorff, Münster Westfalen, 1968, p. 110).

<sup>54</sup> Diogo Bernardes (c. 1530-1594) é evocado por Lope de Vega como poeta bucólico, citando o verso inicial da sua égloga «Sílvia» – «Cantando Alcido um dia ao som das águas» –, poema incluído na obra *O Lima*, publicada em 1596.

<sup>55</sup> O nome do poeta «nomeado» por Lope não é António, mas sim Manuel das Póvoas (corrigimos o erro da 1.<sup>a</sup> edição do *Elogio*, que tem *Povas*; aliás, também na excelente edição do *Laurel de Apolo* preparada por Christian Giaffreda e Maria Grazia Profeti, Alinea Editrice, Firenze, 2002, o seu nome é deturpado, aparecendo aí como Manuel das Pavoas). Manuel das Póvoas é autor de uma *Vita*

---

*Christi* (Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1614), extenso poema em castelhano, composto em tercetos e organizado em trinta cantos. Apesar da extensão (a edição referida consta de 253 folios), o poema termina com a tentação do demónio a Judas para que atraia o Mestre. A julgar pelos versos finais, o autor tencionava prosseguir a obra: «Bien pero pienso, hasta el postrer suspiro/ lo que resta de vida al Dador della/ por este modo darlo; ni retiro/ aqui la pluma de su Historia bella» (ed. cit., fol. 253v); mas, se chegou a concretizar tal plano, não chegou a publicar a parte restante. Acrescente-se, no entanto, a informação de Garcia Peres de que a segunda parte existia em manuscrito, sendo constituída por trinta cantos e terminando com o episódio da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (vd. *Catálogo razonado*, p. 651).

Recorde-se que também D. Francisco Manuel de Melo, ao elencar poetas portugueses cujas obras considera dignas de louvor, inclui «o cónego Manuel das Póvoas, celebrado por Lope da Veiga» (*Cartas familiares*, ed. cit., p.414).

Quanto ao nome deste poeta, não pode ser confundido com António das Póvoas, genealogista também referido por D. Francisco Manuel de Melo (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 418), nem com o poeta Luís das Póvoas, que Jacinto Cordeiro incluirá neste seu *Elogio* (estrofe 17).

Francisco Rodrigues Lobo<sup>56</sup>  
Jorge de Monte Maior<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Francisco Rodrigues Lobo (c. 1575-1621) é evocado por Lope enquanto autor de «aquellas dos floridas primaveras/ que nunca las podrá vencer estío», referindo-se, supomos, às novelas pastoris *A primavera* (1601) e *O pastor peregrino* (1608), publicado como «segunda parte da sua Primavera». Não teria o poeta espanhol tido conhecimento de *O desenganado* (1614), «terceira parte da sua Primavera»? Note-se ainda que Lope apresenta Rodrigues Lobo como defensor da dignidade do Parnaso, encarregado de impedir que nele entrem pretensos poetas que não merecem tal honra («Y a Lobo, que defiende/ a corderillos nuevos,/ que presumen de Febos,/ la entrada del Parnaso»), usando imagem idêntica à da auto-representação do poeta português na primeira obra que publicou: «Voime a defender las Musas,/ por que le [o Parnaso] tienen cercado/ los millones de Poetas,/ que han ese nombre usurpado» (cf. *Primeyra e segunda parte dos romances de Francisco Roiz Lobo (Coimbra, 1596)*, Duque y Marqués, Valencia, 1960, p. 99).

<sup>57</sup> De Jorge de Montemor Lope de Vega enaltece, não só *La Diana*, obra com que «ennoblecio la lengua castellana», mas também o seu poema «Historia de Piramo y Tisbe» que Marino teria imitado.

## António Lopes da Veiga<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> António Lopes da Veiga, natural de Lisboa e falecido em Madrid, publicou a sua produção poética em volume intitulado *Lírica poesía* (Madrid, por Bernardino de Guzmán, 1620). Participou em diversas obras colectivas de homenagem poética, v. g. no certame que celebrou a canonização de Santo Isidro (cf. *Relación de las fiestas (...) en la canonización de (...) San Isidro*, Madrid, 1622) e na *Pompa funeral (...) en la muerte de la (...) Señora Doña Isabel de Borbon Reyna de las Españas y del Nuevo Mundo*, Madrid, 1645). Foi também um dos poetas portugueses que colaboraram na miscelânea de homenagem a Lope de Vega, organizada por Juan Pérez de Montalbán, por ocasião da sua morte (cf. *Fama Posthuma a la vida y muerte del doctor Frey Lope Felix de Vega Carpio y elogios panegiricos a al inmortalidad de su nombre*, Madrid, 1636, fol. 35v-37v). Publicou ainda *El perfecto Señor. Sueño político con otros varios discursos y ultimas poesias varias* (Madrid, por Luis Sanchez, 1626) e *Heraclito y Democrito de nuestro siglo (...) Dialogos morales sobre tres materias, la nobleza, la riqueza, y las letras* (Madrid, por Diego Diaz de la Carrera, 1641). É um dos nomes que D. Francisco Manuel de Melo inclui entre «os sábios de Europa conhecidos» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 414).

O Doutor Silveira<sup>59</sup>  
Faria<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Miguel da Silveira, poeta muito apreciado na época, distinguiu-se sobretudo como autor do poema épico de inspiração bíblica *El Macabeo* (Nápoles, por Egidio Longo, 1638), cujo herói é Judas Macabeu, personagem desenhada como protótipo do guerreiro defensor da pátria.

<sup>60</sup> Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), o célebre e erudito editor e comentarista da poesia camoniana, épica e lírica, é autor de uma vasta e diversificada produção literária. No *Laurel Lope* de Vega celebra-o enquanto historiador e poeta (a sua edição comentada de *Os Lusíadas* será publicada mais tarde, em 1639; os dois volumes da edição das *Rimas* terão publicação póstuma, em 1685 e 1689). Faria e Sousa, que não brilhava pela modéstia e que frequentemente se comprazia em auto-elogios dos seus múltiplos talentos, fará da sua amizade com Lope um dos seus títulos de glória. Vejam-se, por exemplo, na sua autobiografia, passos como este: «Hice imprimir la *Fábula de Narciso*, en portugués, que dediqué a Lope de Vega Carpio, mi amigo singular, (...) y a que él correspondió con el ofrecimiento que me hizo de la sazónada comedia de Eurídice y Orfeo, intitulada *El marido más firme*, que es la última de su parte XX» (vd. *The «Fortuna» of Manuel de Faria e Sousa – an autobiography*. Introduction, edition, notes and index by Edward Glaser, Münster Westfalen, 1975, p. 177). Ou este: «Al medio de este año se acabó de imprimir en Madrid mi libro *Epítome de las historias portuguesas*, que luego empezó a ser estimado generalmente. Lope de Vega Carpio, escri

## D. Vicente Nogueira<sup>61</sup>

---

biéndome desde allá con esta ocasión, en carta de 27 de enero de 1629, decía a aquel propósito esto: *Valiente escritura ha sido este libro de vuestra merced, entre los hombres doctos que he comunicado, por invención, disposición y locución* (ib., p. 197). E, referindo-se a elogios que Lope teria registado à margem do seu livro de poemas *Divinas y humanas flores*, acrescenta: «Pero esto pudo resultar de pasión de amigo, que lo era grande mío y yo suyo» (ib., p. 184). Mas o mais destacado elogio de Lope é o que tem por objecto o comentário a *Os Lusíadas* e que Faria e Sousa fez incluir entre os textos preliminares da sua edição, intitulado-o «Elogio al comentador. Escriviale Lope Felix de Vega Carpio al tiempo que se murio. Por esto se dexaron algunas clausulas que estavan imperfetas i se anadieron otras por Iuan Baptista de Sosa, amigo de Lope de Vega, i de Manuel de Faria, i destes estudios», o que nos deixa na dúvida sobre o que neste longo texto (10 páginas a 2 colunas) é de facto da autoria de Lope de Vega. Sobre as amistosas relações entre estes dois poetas, veja-se Edward Glaser, «Lope de Vega e Manuel de Faria e Sousa», in *Colóquio. Revista de artes e letras*, n.º 8, Abril de 1960, pp. 57-59.

<sup>61</sup> D. Vicente Nogueira (1585-1654), erudito bibliógrafo e epistológrafo ilustre, desempenhou funções de relevo tanto na corte espanhola como em Roma, onde era encarregado dos negócios da Coroa portuguesa na Cúria Pontifícia. Lope de Vega dedica-lhe um dos mais longos e eloquentes elogios do seu *Laurel* (Silva terceira, vv. 166-193), celebrando o seu saber enciclopédico e a multiplicidade de línguas



## D. Bernarda Ferreira<sup>62</sup>

---

que dominava. Dispomos actualmente de edições de parte da correspondência trocada entre este prestigiado letrado e destacadas personagens do seu tempo. Veja-se: *Cartas de D. Vicente Nogueira*, publicadas e anotadas pelo director da Biblioteca Pública de Évora A. J. Lopes da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925; *Cartas inéditas ou dispersas de Vicente Nogueira*, com prefácio e notas por André Crabbé Rocha, Coimbra, 1972; *Um diálogo epistolar: D. Vicente Nogueira e o marquês de Niza (1615-1654)*. Introdução e edição de João Carlos Gonçalves Serafim e supervisão científica de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, CITCEM/Afrontamento, 2011.

<sup>62</sup> O nome de D. Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644) ficou ligado sobretudo ao seu poema épico *España libertada* (1.<sup>a</sup> parte, Lisboa, 1618; 2.<sup>a</sup> parte, Lisboa, 1673), cuja acção se centra na reconquista cristã da Península aos mouros. É esta obra que Lope celebra no *Laurel*, embora não tenham ficado por aí as manifestações do seu apreço pela obra da poetisa portuguesa. Recorde-se que a sua écloga «Fílis» (Madrid, 1635) é dedicada «a la décima Musa, doña Bernarda Ferreira de la Cerda, señora portuguesa», o mesmo acontecendo com um soneto incluído nas *Rimas humanas y divinas del Licenciado Tomé de Burguillos* (Madrid, 1634, fol. 19r). Também o livro de poemas de D. Bernarda intitulado *Soledades de Buçaco* (Lisboa, 1634) inclui no final um «Papel que escribió un Cavallero castellano a la Autora», apreciação elogiosa da obra que se atribui a Lope de Vega.

## Manuel de Gallegos<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Manuel de Gallegos (1597-1665), autor de várias comédias e de obras poéticas de que se destaca o *Templo da Memória* (1635), epitalâmio em que celebra o casamento do então duque de Bragança D. João com D. Luísa de Gusmão, é nomeado por Lope de Vega como autor do poema heróico em cinco cantos *Gigantomachia* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1628), poema centrado no episódio mitológico da guerra dos Gigantes contra Júpiter.

DEDICATÓRIA  
À Senhora D. Cecília de Meneses

Tanto respeito teve Demétrio, rei de Macedónia, a ãa pintura de Protógenes por ser insigne, que tendo cercada a cidade de Rodes (escreve o famoso Píndaro que chovia sobre ela ouro em rezão da muita riqueza que possuía naquele tempo) e a deixou de queimar por não arriscar o retrato que estava em um templo junto aos muros da cidade por donde haviam de pôr o fogo, querendo antes perdê-la que arriscá-lo por ser obra de tão eminente pintor; tão afeiçoado foi este príncipe à pintura, que escreve dele Plínio semelhante fineza no livro trigésimo quinto de sua Natural História. Este Elogio meu, escrito ao Fénix de Espanha Lopo da Veiga Carpio, para defensa sua pretende humilde o amparo de Vossa Mercê, que só com ele pode sair seguro ao fogo de alguns queixosos que dele imaginam não estarem em seus lugares. Mas como no maior incêndio de suas chamas hão-de ver a Vossa Mercê, primeiro retrato em que Protógenes não tinha mais que pintar com ser tão eminente, segura

está a defesa só na vista quando há tantos Demétrios nele que venerem o de Vossa Mercê como merece, nem há fogo tão cruel que se atreva a raios de tanta fermosura adornada de tantas partes quantas se vem juntas nesse ilustre sujeito. E para que Vossa mercê veja que, se estes versos ampara, a outros o deve, passe os olhos por esse romance que fiz ao Senhor Nuno de Mendonça, menino naquele tempo, capitão de ãa companhia do terço de seu insigne avô, indo a dar mostra ao marquês de S. Germão com ela, a quem fez as cortesias de maneira que não só pareceu Mendonça nelas, mas que as tinha furtado dos arquivos de sua nobreza. Deixando admirados todos, as fez logo a Vossa Mercê, que o esperava, com a galhardia que merecia sua gentileza. O romance é o seguinte, e eu cativo de Vossa Mercê que Nosso Senhor guarde como desejo.

Jacinto Cordeiro

## ROMANCE

Toque el bélico clarín,  
retumbe orgulloso el parche,  
cubra entre volcanes de humo  
espesas nubes el aire;

oculte corrido el sol  
los rayos que alegre esparce  
si hoy tu luz los obscurece  
con bélicos ademanes.

Si a las glorias de Mendonça  
se deben eternidades,  
no es la menor ver que un niño  
ilustre el templo de Marte.

Ya en tiernos años anuncias  
las proezas de tu sangre;  
muchas promete, oh gran Nuño,  
tu valor que han de ilustrarte.

Más diste espantos que estrellas  
mide el cielo, y más causaste  
admiraciones y asombros  
que Cipiones y Anibales,

que Cesares y Pompeios  
en las pasadas edades;  
porque ver en la presente  
que en tiernos años esmalte

un corazón tan altivo  
un pecho con tantas partes,  
a quien no produce espantos?  
a quien no obliga admirarse?

Si las de tu abuela insigne  
en ti se ven tan iguales  
que su retrato en tu vista  
parece otra vez que nace.

Tan galán como cortés  
a San German admiraste,  
siendo de Marte en la escuela  
rayo de su misma imagen.

El aire en tus cortesías  
será espejo a capitanes;  
pagóte naturaleza  
lo que ellos deben al arte.

Aplausos tan merecidos  
jamás se dieron a nadie,  
que solo un Mendonça niño  
merece aplausos gigantes.

Confirmólos con razón,  
quando a sus ojos llegaste,  
la reina de la hermosura,  
la diosa de los donaires,

la cifra de entendimientos  
y de gallardía esmalte,  
la émula del amor,  
tan conocida en sus partes,

que trae venda en los ojos  
con transparentes cristales,  
ya mariposas de luz,  
pero no dejan quemarse.

Por evitar las ofensas  
que con rigor criminales  
hacen en almas y en vida  
rayos de esfera tan grave,

flechas tiró su hermosura,  
resistieron los celajes,  
que a ser de rigor las flechas  
armas pasan de diamante.

Levantóse, grave acción,  
que en tu brío y su donaire  
si ella te miraba Adonis,  
tú Venus la contemplaste.

Cortesía a cortesía  
reciprocó voluntades,  
dando envidia al sol que juntos  
frente a frente se encontrasen.

Dos soles en tal distrito,  
uno pequeño otro grande,  
porque día en que hay dos soles,  
que noche puede eclipsarle?

Creced pues, sol generoso,  
para que pueda emplearse  
mi pluma en vuestras hazañas,  
pues las promete tan grandes

ese valor que os anima,  
en cuya espada arrogante  
cifre sus glorias Mendonça,  
capitán de capitanes.



## ELOGIO DE POETAS LUSITANOS

[1]

Tu florido laurel, de ingenios suma,  
propuesto a Apolo altivo se levanta,  
y a suprema región vuela en tu pluma,  
que docta admira y numerosa encanta.  
Jamás el tiempo, oh Fénix, la consume,  
ni el plectro en que tu lira el mundo espanta,  
por asombro inmortal, por peregrino,  
gozando humano aplausos de divino.

[2]

Si el laurel que propones se te debe  
por único en España y por famoso,  
escucha a Portugal, que si se atreve,  
la causa es justa quando está quejoso.  
Con razón en mi pluma alientos mueve,  
si bien la tuya disculpó glorioso  
tu prevenido y claro entendimiento,  
rayo de la razón de tu ardimiento.

[3]

No quisiera cansarme ni cansarte  
con quejas que nacieron del olvido;  
ingenios tiene Luso a quien el arte  
postra veneración, debe sentido;

que pueden del laurel pedir su parte  
sin juzgarle a ninguno de atrevido;  
muchos hay a que Apolo se le diera,  
si dejando a Helicon a el Tajo viera.

[4]

Los que tu pluma honró con tanta gloria  
(tan alto empleo mi poder no alcanza)  
deban solo el aplauso a tu memoria,  
y deban a tu pluma su alabanza.  
Su ventaja se ve que es tan notoria  
como atrevida y loca mi confianza,  
que si juzgáis de mí que a vos me atrevo,  
Faetonte fuera en no temeros Febo.

[5]

Honrar la patria en mí no es desatino,  
que es ley y obligación, y esta lo es mía:  
mucho antes escribió que no el Marino  
Monte Mayor, y así como podía  
hurtarle a Tisbe ingenio tan divino<sup>64</sup>?  
Muchos produce nuestro Tajo y cría,  
cuyas armas y letras las historias  
son clarín de la fama de sus glorias.

---

<sup>64</sup> Esta observação de Jacinto Cordeiro baseia-se numa errada interpretação de um verso do *Laurel de Apolo*. Ao louvar Jorge de Montemor, Lope refere o engenho «con que escribió su Píramo divino/

[6]

De los que ilustran más su feliz astro,  
insigne en letras y en ingenio solo,  
digno de mármol, bronce y alabastro,  
es el doctor, en ciencias nuevo Apolo,

---

hurtado o traducido del Marino» (Silva tercera, vv. 133-134. Utilizamos a seguinte edição: Lope de Vega, *Laurel de Apolo*. Edizione, note, indici di Christian Giaffreda. Introduzione di Maria Grazia Profeti. Alinea Ed., Firenze, 2002). Sem se aperceber de que «del Marino» é o agente da passiva (Lope afirma que o poema de Jorge de Montemor foi «hurtado o traducido» por Marino), Jacinto Cordeiro lê naqueles versos um sentido contrário: que o poema do português tivesse sido furtado ou traduzido da obra de Marino. Um erro de leitura que o leva a formular esta ingénuo (e descabida) observação: lembrar a Lope que Montemor viveu muito antes de Marino, por isso não podia tê-lo copiado. Domingo Garcia Peres refere esta questão ao tratar da obra de Jorge de Montemor (cf. *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1890, p. 392). Refira-se ainda que a «Historia de Piramo y Tisbe» aparece publicada em diversas edições quincentistas de *Los siete libros de la Diana* de Jorge de Montemor. Sobre a denúncia feita por Lope do «descarado plagio» de Marino, veja-se o artigo de Dámaso Alonso, «Marino y la 'historia de Piramo y Tisbe' de Montemayor», in *En torno a Lope: Marino, Cervantes, Benavente, Góngora, Los Cardenios*, Madrid, Gredos, 1972, pp. 15-36.

Gabriel Pereira, a quien ilustra Castro<sup>65</sup>,  
único deste al contrapuesto polo,  
cuyo ilustre poema, honrando a Laso,  
diera envidia a Virgilio, Homero y Taso.

---

<sup>65</sup> Gabriel Pereira de Castro (1571-1632), autor do poema épico *Ulisseia ou Lisboa edificada* (Lisboa, 1636), centrado no mito da fundação de Lisboa por Ulisses. Note-se que, à data da publicação do *Elogio* de Jacinto Cordeiro, a obra se encontrava ainda inédita, pois só foi publicada depois da morte do autor, por iniciativa de um seu irmão, com dedicatória ao rei Filipe IV. Reeditado depois da Restauração (1642?), a dedicatória ao rei espanhol é substituída por outra ao príncipe D. Teodósio, filho de D. João IV, um gesto que o editor justifica como «restituição» do poema, como do reino, a «seu legítimo e verdadeiro Senhor». O poema teve várias reedições: Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1745; *ib.*, Tipografia Rolandiana, 1826; *ib.*, Impressão Régia, 1827; e, recentemente, *Ulisseia ou Lisboa edificada*, texto estabelecido e comentado por J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, edição acrescida de um segundo volume (*ib.*, 2004) que inclui um «Estudo histórico literário» e «Textos (parcialmente inéditos de, ou sobre Gabriel Pereira de Castro».

Lope de Vega celebrou o poeta português e o seu poema no soneto seguinte, incluído em *La vega del Parnaso*: «Lisboa por el Griego edificada./ Ya de ser Fénix inmortal presuma,/ Pues deve mas a tu divina pluma./ Docto Gabriel, que a su famosa espada. // Voraz el tiempo con la destra ayrada,/ No ay imperio

[7]

Antonio Gomez, con amable estrella  
de Oliveira<sup>66</sup>, en dulcísima Talía,  
despierta a Glauca, su homicida bella,  
y a Píndaro en dos versos desafía:  
*La que abre roja y que cerúlea sella*  
*los géminos crepúsculos del día,*  
repetiendo los más con tanta suma,  
que merecen sus versos de oro pluma.

[8]

Don Gonçalo Coitinho<sup>67</sup>, aquel lucero  
con que la patria glorias alimenta,  
que en nombre de Camões tanto venero,  
pues muerto le tomó tanto a su cuenta;

---

mortal que no consuma:/ Pero la vida de tu heroyca  
suma/ Es alma ilustremente reservada. // Mas ay!,  
que quando mas enriqueciste/ la Patria, que su  
artifice te llama,/ Por la segunda vida que le diste.  
// Ciprés funesto tu laurel enrama,/ Si bien ganaste  
en lo que más perdiste./ Pues quando mueres tu,  
nace tu fama.» (*La vega del Parnaso*, Madrid, en la  
Imprenta del Reyno, 1637, fol. 4v).

<sup>66</sup> António Gomes de Oliveira, autor da obra intitulada *Idílios marítimos y rimas várias* (Lisboa, na oficina de Pedro Crasbeeck, 1617). Os dois versos citados nesta estrofe são aqueles com que se inicia o Idílio I.

<sup>67</sup> D. Gonçalo Coutinho (?-1634), autor cuja produção poética permaneceu inédita. Jacinto Cordeiro

que ingenio libre, a su mirar severo,  
si el suyo admira, presunción intenta,  
quando el mismo en sus versos se retrata  
de láminas de bronce a tersa plata?

[9]

Don Francisco Rolim<sup>68</sup>, cuyo decoro  
las musas españolas y toscanas  
respetan cisne quando el Tajo en oro  
urna ofrece a las suyas lusitanas;

---

alude aqui ao facto de D.Gonçalo Coutinho ter tido o cuidado de mandar trasladar os restos mortais de Camões para uma «sepultura honrada», atitude que é invocada pelo livreiro Estêvão Lopes para dedicar ao ilustre fidalgo a primeira edição das *Rimas* camonianas, escrevendo na dedicatória: «Mas como não ey de exalçar atè o ceo a magnifica & mui heroica obra que v. m. fez em dar sepultura honrada aos ossos deste admiravel varão, que pobre & plebeiramente jazião no Mosteiro de santa Anna» (*Rhy-mas de Luis de Camoes (...)* Em Lisboa, por Manoel de Lyra, Anno de M.D.LXXXXV. A custa de Estevão Lopez, mercador de libros).

<sup>68</sup> D. Francisco Child Rolim de Moura (1572-1640), autor da obra poética *Dos novísimos* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1623), composta em oitavas e dividida em quatro cantos. Apesar deste aspecto formal, não se trata de um poema heróico, mas antes de uma meditação sobre os quatro novísimos do homem. O restante da sua produção poética, predominantemente em castelhano, teria sido compilado

que de Aganipe despreciando el coro,  
celos le piden ya las castellanas,  
de que escriba su heroica gallardía  
sin darles de barato solo un día.

---

em volume dedicado a D. Pedro Fernández de Castro, conde de Lemos, mas permaneceu inédito. Corresponderá esta compilação ao Códice 11252 da Biblioteca Nacional de Portugal, uma cuidada cópia que apresenta como título *Obras de D. Fran.<sup>co</sup> Rolim de Moura feitas pello seu proprio punho*, mas com dedicatória a Dom P.<sup>o</sup> Roiz de Castro?

Barbosa Machado refere outras obras suas que teriam ficado manuscritas: uma *Apologia em defesa dos Novíssimos*, certamente em resposta a críticas ao seu poema; *Advertências a alguns erros de Luís de Camões em Os Lusíadas*, desconhecida participação na acesa polémica travada por estes anos em torno da epopeia camoniana; uma *Arte de tourear*; e ainda *Aforismos a seu filho D. Manuel Child Rolim de Moura*. Estes *Aforismos* encontram-se actualmente publicados, na sequência dos comentários de D. Francisco Rolim de Moura às *Instrucciones* de Juan de Vega a seu filho Hernando de Vega, in *Pais e nobres I, Cartas de instrução para educação de jovens nobres (séculos XVI-XVIII)*. Compilação, leitura e edição de José Adriano de Freitas Carvalho, CIUHE-Fac. de Letras do Porto, 2009, pp. 115-144.

[10]

Discreto a don Francisco<sup>69</sup> sigo en tanto,  
Portugal sin igual, cuyo sentido  
para la elevación, moviendo a espanto  
el ingenio más alto y presumido;  
imitar presumí su heroico canto  
que imposible me fue, quedé vencido;  
Ícaro quise ser de tal sujeto  
que no puede imitarse en lo discreto.

---

<sup>69</sup> D. Francisco de Portugal (1585-1632), autor de copiosa produção poética que permaneceu quase totalmente inédita durante a sua vida. Só vinte anos depois da sua morte foi dado à estampa, por iniciativa do filho mais velho, D. Lucas de Portugal, um volume de poemas seus intitulado *Divinos e humanos versos* (Lisboa, Oficina Craesbeckiana, 1652; obra recentemente reeditada – *Divinos e humanos versos*. Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, CIUHE, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012). D. Francisco de Portugal, considerado pelos seus contemporâneos modelo de «discreto» (com o sentido que esta palavra tinha na época), é também o autor de uma *Arte de galantería* publicada em 1670, reeditada em 1692, e actualmente com uma nova e modelar edição – *Arte de galantería*. Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.



[11]

Muerto don Juan de Almeida<sup>70</sup>, cuya gloria  
entre su muerta luz más resplandece,  
lágrimas frequentando la memoria  
a su tumulo ilustre el lauro ofrece.  
Quien prosiguiendo su infelice historia,  
Parca, de tu rigor no se enternece,  
si en tanto sentimiento el llanto ordena  
dejar la pluma por llorar la pena?

---

<sup>70</sup> D. João de Almeida, «senhor do couto de Avintes», foi em seu tempo chamado o Sábio «por seu grande engenho e erudição, e outras muytas partes, que nelle resplandeceraõ», como refere João Franco Barreto (fol. 609 r) e Barbosa Machado repete. Terá composto várias obras poéticas que ficaram manuscritas.

João Franco Barreto, como erudito camonista que foi, destaca ainda a relação de D. João de Almeida com a epopeia camoniana, escrevendo: «foy muyto versado em a lição dos livros e eximio poeta, como se pode comprender daquele soneto, em louvor de Camões, impresso com os Lusíadas, em a primeira impressãõ da letra pequena que elle mandou vir de Frandes». Trata-se da primeira edição em miniatura, dedicada por Lourenço Craesbeeck a D. João de Almeida, e que inclui, com efeito, um soneto encomiástico deste poeta (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1626).

[12]

Vasco Mosiño<sup>71</sup> con valiente ensayo  
del muerto Alfonso aplaude los pendones,  
que fue del arte fulminante rayo,  
Camões segundo en muchas opiniones;  
quejoso en su alabanza me desmayo:  
Marcial lo dijo, en muchas ocasiones  
repetilo<sup>72</sup> por él, que en tantas penas  
Marones sobran, faltan los Mecenas.

---

<sup>71</sup> Trata-se do poeta Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco. Jacinto Cordeiro refere-se ao seu poema épico *Afonso Africano* (Lisboa, por António Álvares, 1611) que celebra a conquista de Arzila por D. Afonso V, articulando o relato histórico com um explícito vector alegórico de ordem espiritual. Além desta obra, Mouzinho de Quevedo publicou também *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, rainha de Portugal, e outras várias rimas* (Lisboa, por Manuel de Lira, 1596), volume em que à biografia da Rainha Santa Isabel, composta em estilo heróico e organizada em seis cantos, se juntam composições líricas e uma série de emblemas à maneira de Alciato, mas sem as gravuras. Acrescente-se ainda o poema heróico *Triunfo del monarca Filipo Tercero en la felicissima entrada de Lisboa* (Lisboa, 1619) com que participou, tal como vários outros poetas contemporâneos, na celebração da visita de Filipe III a Portugal em 1619.

<sup>72</sup> Garcia Peres leu «repetelo» (Cf. *Catálogo*, p. 126).

[13]

Puede Duarte de Silva<sup>73</sup> (oh que talento!)  
honrar la patria con su pluma sola;  
que a divina deidad sigue su aliento,  
muestra en lo escrito, y muestra que acrisola  
de las musas su pluma el movimiento,  
que es la suya latina y española,  
en cuya admiración venciendo el arte,  
del laurel portugués tiene gran parte.

[14]

Aqui Antonio Raposo<sup>74</sup> me despeña  
y con lírico estilo me enmudece.  
Qué dura roca, qué intratable peña  
a la voz de su canto no enternece,

---

<sup>73</sup> Duarte da Silva – «famoso professor da Arte da Poesia» lhe chama Barbosa Machado, que lhe atribui uma «Descripção da Serra da Estrella, e a fabula dos rios que della nadem», bem como poemas panegíricos em obras de vários autores e participação em certames poéticos. Destes, Sousa Viterbo indica um soneto em português no *Templo da Memória* de Manuel de Galhegos, um soneto em castelhano na *Gigantomaquia* do mesmo autor, duas décimas em *Várias poesias* de Paulo Gonçalves de Andrade, e um soneto na *Fama Posthuma* na morte de Lope de Vega (vd. Sousa Viterbo, *Poesias de autores portugueses em livros de escritores espanhóis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1891, p. 104).

<sup>74</sup> António Raposo, natural de Avis, «excelente poeta tão fácil como elegante (...) na língua materna e

si tocando la lira al arte enseña  
modos de describir que le guarnece,  
siendo de Avis con peregrino ensayo  
asombro en letras y en los versos rayo?

[15]

Del Conde Capitán<sup>75</sup> la gallardía,  
partes, letras, valor y entendimiento  
parece que nacieron a porfía  
a vista de su ilustre pensamiento;

---

castelhana», no dizer de Barbosa Machado, só publicou *Canção ao tiro que o Principe de Castela fez em huma montaria do Pardo a hum javali, que matou* (Madrid, s/d), além da «Silva portuguesa» com que colaborou no volume *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde* (Lisboa, 1650) e de poemas laudatórios em obras de outros poetas.

<sup>75</sup> Este “Conde Capitão” é João Gonçalves da Câmara, conde da Calheta e capitão general da ilha da Madeira, que teria composto «versos sagrados e profanos», no dizer de Barbosa Machado. Paulo Gonçalves de Andrada dedica-lhe as suas *Várias poesias* (Lisboa, 1629), e um dos sonetos incluídos nesta obra tem por título «ao Conde Capitão, aludindo à torre das suas armas» (*op. cit.*, fol. 32v). Entre os poemas panegíricos incluídos no livro de André Froes de Macedo (futuro Fr. André de Cristo) intitulado *Amores divinos* (Lisboa, 1631) e dedicado à condessa da Calheta, encontra-se uma décima do «Conde capitão». Também D. Francisco Manuel de Melo incluiu nas suas *Obras métricas* um soneto «Al Conde Capitán persuadiéndole que escribiese cier-

los versos con sus versos desafía,  
las damas, con gallardo movimiento.  
Alabarle podrá, que en mí es agravio,  
quien puede cuerdo y quien presume sabio.

[16]

D Francisco Manuel<sup>76</sup>, pompa gloriosa  
de las musas, amparo en su asistencia,  
puede solo con mano poderosa  
restituirnos faltas de su ausencia,

---

tos versos de que gustaba una gran señora» (*Obras métricas*, Braga, 2006, p. 858).

<sup>76</sup> Da sua vasta produção poética D. Francisco Manuel de Melo tinha apenas publicado por estes anos um pequeno livro intitulado *Doce sonetos por varias acciones en la muerte de la Señora D. Inés de Castro* (1628), mas, como acontece com tantos dos poetas seus contemporâneos, poemas seus circulavam manuscritos entre familiares e amigos letrados. No entanto, e ao contrário do que se verifica com muitos desses poetas, D. Francisco cuidou da publicação da sua obra poética. Assim, em 1649 publica *Las tres musas del Melodino*; em 1650, o longo poema fúnebre *Pantheón a la inmortalidad del nombre Itade*, à morte de D. Maria de Ataíde. Finalmente, em 1665, faz publicar um extenso volume intitulado *Obras métricas* (em León de Francia, por Horacio Boessat e George Remeus), em que reuniu quase toda a sua poesia. Esta obra foi recentemente reeditada – Francisco Manuel de Melo, *Obras métricas*, 2 vols., Edições APPACDM, Braga, 2006.

que es su pluma feliz tan deleitosa  
que, mereciendo aplausos su excelencia,  
en su término ilustre y modo urbano  
le conduce el laurel por cortesano.

[17]

Luis das Póvoas<sup>77</sup> gallardo se señala  
entre la gloria de su voz perfeta.  
Quien cuando escribe su blandura iguala  
o sus nobles conceptos interpreta?  
Del natural haciendo altiva gala,  
dejando el arte al natural sujeta,  
con tanta elocución, con tanto agrado,  
que es su ingenio laurel de su cuidado.

[18]

Dadme la pluma vuestra que si[n] falta  
Cleo[m]broto<sup>78</sup> de Platón ser imagino,  
tanto por lo inmortal su ingenio esmalta  
Francisco Nuñez de Ávila<sup>79</sup>, que es dino  
de que en grave atención pluma más alta  
describa con ingenio peregrino  
deste Platón el nombre dilatado,  
si en sus versos me veo despeñado<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> Luís das Póvoas – Não encontrei qualquer outra referência a este poeta.

<sup>78</sup> A personagem de Cleombroto e as circunstâncias do seu suicídio são sucintamente referidas num dos *Epigramas* de Calímaco: «Adieu, Soleil, dit Cléom-

---

brotos d'Ambracie; et du haut du toit se précipite dans l'Hadès. Il n'avait de mourir aucun motif: il avait lu, de Platon, un écrit, un seul, le dialogue sur l'Âme» (vd. Callimaque, *Hymnes et Épigrammes*, Paris, Les Belles Lettres, 1922, p. 110). Jerónimo Soares Barbosa, na sua tradução anotada das *Instituições Oratórias* de Quintiliano, recorda também uma referência de Cícero a esta personagem e ao motivo do seu suicídio: «[Cícero] lembra o epigrama de Calímaco feito a Cleombroto que, extasiado com a lição do diálogo de Platão *Da Alma* se tinha deitado sobre o mar de cima do muro onde lia. Cícero mesmo faz um longo elogio da morte e refere o de Sócrates no dito diálogo» (cf. *Instituições oratórias de M. Fábio Quintiliano, traduzidas em linguagem e ilustradas (...) por Jerónimo Soares Barbosa*, tomo I, Coimbra, Imprensa Real da Universidade, 1788, p. 97, nota). O diálogo platónico em causa deve ser o *Fédon*, obra em que Sócrates, a poucas horas de morrer, disserta sobre a imortalidade da alma e exprime a crença de que, após a morte, começará para a alma do filósofo «uma era de felicidade, liberta de erros e loucuras, de receios e paixões selvagens e das demais contingências comuns ao género humano, para gozar de facto (...) da companhia dos deuses» (Platão, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, INIC, Coimbra, 1982, pp. 77-78).

<sup>79</sup> Francisco Nunes de Ávila é autor de um *Panegyrico à invenção do corpo do glorioso martyr S. Vicente em as celebres festas que lhe fez a cidade de Lisboa em sua tresladação* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, s/d) e de vários outros poemas.

<sup>80</sup> Garcia Peres leu «desdeñado» (cf. *Catálogo*, p. 127).

[19]

Déle Apolo el laurel, si el laurel pide,  
que le merece con copiosa musa  
Don Jerónimo, gloria de Atayde<sup>81</sup>,  
aunque por merecerle le rehusa.  
Qué ingenio con el suyo alientos mide,  
si con méritos tantos dél se escusa?  
Nadie con más razón puede tenerle,  
ni puede, como él puede, merecerle.

[20]

Si a Manuel de Govea<sup>82</sup> alabar pruebo,  
Faetonte pruebo a ser en mi locura,  
que el sagrado laurel le llama Febo  
cuando darsele Apolo más procura;

---

<sup>81</sup> Trata-se de D. Jerónimo de Ataíde, 2.º conde de Castro Daire e 6.º da Castanheira. João Franco Barreto afirma que «compos hum livro da ascendencia da Casa de Azambuja, dedicado ao Conde Duque de Olivares Dom Gaspar de Gusmão, impresso em Madrid, anno 1633» (*Biblioteca lusitana*, vol. III, fol. 560r). Encontram-se alguns poemas seus em panegíricos a obras como a *Gigantomaquia* de Manuel de Galhegos ou as *Várias poesias* de Paulo de Andrade.

<sup>82</sup> Manuel de Gouveia de Vasconcelos, poeta que, segundo Barbosa Machado, terá composto numerosas obras poéticas, das quais só foram publicados os dois sonetos com que participou no *Certâmen poético em louvor de D. Miguel de Noronha, conde de Linhares* (Lisboa, por Geraldo da Vinha, 1625).



solo a llamarle con razón me atrevo  
microcosmos de ciencias sin ventura,  
y a competir los dos sobre este polo,  
bien llevará el laurel su ingenio solo.

[21]

Ya desmaya el aliento en tanto asombro,  
por ser temeridad toco desvelos,  
si por asombro de desmayos nombro  
a Juan Rodriguez, sol de Vasconcelos<sup>83</sup>,  
que al tanto peso tener firme el ombro  
con Alcides<sup>84</sup> me opongo en paralelos,  
si mi pluma, pagando lo que debe,  
cuando más lo emprendió menos se atreve.

---

<sup>83</sup> Trata-se provavelmente de João Rodrigues de Vasconcelos, 2.<sup>o</sup> conde de Castelo Melhor, mas o único poema que encontrei em seu nome foi uma décima nas *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde*, em louvor, não da defunta, mas da oração fúnebre então proferida pelo padre António Vieira.

<sup>84</sup> Alcides é o nome que, segundo as narrativas mitológicas, teria sido dado inicialmente a Hércules.

[22]

Don Tomás de Noroña<sup>85</sup> en tanto aumento  
confirma de sus versos la excelencia,  
que admirando sutil su entendimiento,  
puede hacerle a Quevedo competencia;  
alma de tan airoso movimiento  
luz parece del sol de su presencia;  
y sol a cuya luz crecen desmayos,  
águila no soy yo de tantos rayos.

---

<sup>85</sup> D. Tomás de Noronha, autor de uma vasta produção poética, em que predomina a veia satírica e que ficou inédita. Só no século XVIII surgem impressos alguns poemas seus, incluídos no vol. V da *Fénix renascida* (Lisboa, 1728). Posteriormente foram dados a conhecer muitos outros com a publicação das seguintes obras: *Poesias inéditas de D. Tomás de Noronha*. Edição revista e anotada por Mendes dos Remédios. Coimbra, França Amado, 1899; Adelino Duarte Neves, *Poemas de D. Tomás de Noronha: edição do Ms. 49-III-71 da Biblioteca da Ajuda*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992; *Novas poesias inéditas de D. Tomás de Noronha*. Apresentação crítica, selecção, fixação do texto, notas, normas de transcrição e glossário de Teresa Paula L. Alves, Braga, APPACDM, 1997.

[23]

A don Luis de Noroña<sup>86</sup> enseña escrito  
en su lucido ingenio su agudeza;  
pirámide inmortal le ofrezca Egipto,  
y estatua España ofrezca a su grandeza,  
que en méritos tan altos no es delito  
pompas de eternidad si a su nobleza  
debe la fama plumas y pinceles,  
debe estatua inmortal, debe laureles.

---

<sup>86</sup> D. Luís de Noronha – Suponho tratar-se de D. Luís de Noronha e Meneses, 2.º duque de Caminha e filho do marquês de Vila Real, acusado de conspiração contra D. João IV e executado em 1641. D. Luís de Noronha é um dos numerosos «engenhos de Portugal» que Manuel de Galhegos, no seu *Templo da Memória*, convida a celebrarem o casamento do duque de Bragança, chamando-lhe «augusta planta de Caminha & Bagança» (livro IV, est. 183). Também António Figueira Durão, no seu *Laurus Parnassea*, louva este poeta, mas dele não encontrei nenhum poema.

[24]

Don Agustín Manuel<sup>87</sup> cuando se aplica  
a grave exhortación pluma tan alta,  
qué bien que en su pasión su amor explica,  
qué sumptuoso<sup>88</sup> se ostenta en lo que esmalta!  
Flores son los conceptos que amplifica  
que al Abril deste ingenio no hacen falta,  
y si lo son los suyos por sutiles,  
ilustrando laureles vence Abriles.

---

<sup>87</sup> D. Agostinho Manuel de Vasconcelos (1584-1641), historiador e poeta, condenado à morte e executado sob a acusação de participar em conspiração contra a recentemente restaurada monarquia portuguesa. Publicou obras de carácter historiográfico: *Vida de D. Duarte de Meneses* (Lisboa, 1627), *Sucession del Señor Rey D. Filipe el segunda en la corona de Portugal* (Madrid, 1639) e *Vida y acciones del Rey D. Juan el segundo* (Madrid, 1639). D. Francisco Manuel de Melo, seu parente, inclui-o entre os notáveis historiadores portugueses, tanto no *Hospital das Letras* (ed. cit. p. 143) como na «Carta ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca», onde refere o seu «D. João o segundo e D. Duarte de Meneses – tão felices livros como foi infelice seu autor» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 417). Da sua actividade poética restam apenas alguns poemas dispersos em obras de outros autores (vd. Sousa Viterbo, *Dois poetas seiscentistas*, Lisboa, 1906, pp. 5-14).

<sup>88</sup> Mantemos a forma «sumptuoso» que corresponderá, possivelmente, a um lusismo mesclado ao castelhano de Jacinto Cordeiro.

[25]

A Gregorio de Alcaseva<sup>89</sup> pomposo  
por sus versos el tiempo le dilata,  
que el ingenio y estilo numeroso  
en altivos conceptos le retrata;  
su afecto vivo, con ardor glorioso,  
el laurel le conquista si dél trata;  
negarsele no puede mi deseo,  
si es imposible hallar más alto empleo.

[26]

Para Cristóbal Suarez, de Abreu<sup>90</sup> gloria,  
quisiera pluma yo que le igualara;  
la suya ilustre ilustre la memoria  
del dueño que eterniza, si es tan rara,  
que bien puede atreverse a la vitoria  
del laurel con la mano que la ampara,  
y él con ella atreverse en nuestro polo  
a quitarle el laurel al mismo Apolo.

---

<sup>89</sup> Gregório de Alcáçova, poeta de quem Barbosa Machado, referindo este elogio de Jacinto Cordeiro, diz apenas que «compôs muitas poesias em diversos metros que não lograram o benefício da luz pública».

<sup>90</sup> Cristóvão Soares de Abreu, o letrado a quem D. Francisco Manuel de Melo dedica a sua *Visita das Fontes*, teria, segundo Barbosa Machado, «entre as severidades da Jurisprudência» cultivado também «as flores da Poesia», sem que as suas produções poéticas tenham chegado até nós.

[27]

Cuando Antonio Fernandez<sup>91</sup> se dispone  
a ser águila al sol desta conquista,  
clavo imperioso a su fortuna pone,  
que remontada en él, pierde la vista;  
entre muchos ingenios se antepone  
que merecen la gloria desta lista,  
y él la merece tanto en larga suma,  
que a Terencio español<sup>92</sup> quitó la pluma.

[28]

Pablo Gonzalez<sup>93</sup>, repitiendo amores,  
de Silvia llore la afligida ausencia,  
pues es flor que a las flores da colores,  
con antepuesta luz por asistencia.

---

<sup>91</sup> António Fernandes de Barros teria, segundo Barbosa Machado, composto várias comédias e numerosos poemas latinos, portugueses e castelhanos, mas «he digno de sentimento que nenhuma obra sua se fizesse publicar».

<sup>92</sup> «Terêncio espanhol» – talvez Tirso de Molina, amigo e seguidor de Lope e cujas comédias tinham então grande acolhimento entre o público.

<sup>93</sup> Paulo Gonçalves de Andrada, a quem D. Francisco Manuel de Melo dá o epíteto de «Marino lusitano» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 414) e chama «polido e galante poeta» (*Hospital das Letras*, ed. cit., p. 76), publicou um volume de poemas com o título *Várias poesias* (Lisboa, por Mateus Pinheiro, 1629; 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra, por Manuel Dias, 1658). Do prestígio

Qué gala iguala tan luzidas flores?  
Qué flor su hermosa luz no reverencia?  
Sea su misma pluma en su alabanza  
crepúsculo del sol de su esperanza.

[29]

Ya Francisco de Sá<sup>94</sup>, gloria sucinta  
de la inmortalidad a que se mueve,  
como Meneses valentías pinta  
la pluma que al ingenio tanto debe.  
Fama será inmortal, gloria distinta,  
aplausos del laurel a que se atreve,  
reconociendo en él tanto ardimiento,  
que amplificando honor, conozca aumento.

---

de que gozava junto dos seus contemporâneos dão testemunho os numerosos poemas laudatórios incluídos neste volume (nada menos de 26) e a qualidade de alguns dos poetas que o elogiam.

<sup>94</sup> Francisco de Sá de Meneses (c. 1600-1664) é o autor do poema épico *Malaca conquistada por o grande Afonso de Albuquerque* (Lisboa, por Matias Rodrigues, 1634), poema a que parece referir-se esta estrofe. Da sua produção lírica foram publicados apenas alguns poemas laudatórios em obras de outros autores. Um conjunto de poemas seus chegados até nós manuscritos foi recentemente publicado por Luís Fernando de Sá Fardilha em Apêndice à sua obra *A nobreza das letras: os Sás de Meneses e o Renascimento português*, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2008.

[30]

Al docto Sebastián César<sup>95</sup> que alude  
a las musas decoro, haciendo día  
del arte en que es milagro cuando acude  
a la divinidad con la Talía,  
vuele la fama, el tiempo no se mude,  
ni el laurel se le niegue en tal porfía,  
pues le merece con razón él solo  
por ser único ya de polo a polo.

[31]

Pedirle a Dafne, que nació Toledo,  
el sagrado laurel para su frente  
don Fradique<sup>96</sup> podrá, podrá sin miedo;  
con tanto ingenio, estilo tan valiente,  
en tiernos años su opulencia excedo  
a muchos que han escrito dócilmente,  
y pide con razón del laurel parte,  
que las musas alienta al son de Marte.

---

<sup>95</sup> O bispo de Coimbra, conde de Arganil, Sebastião César de Menezes, além de poeta, é conhecido sobretudo como autor de uma *Suma política* (Lisboa, 1649) que D. Francisco Manuel de Melo elogia nestes termos: «o senhor Bispo Conde Sebastião César de Menezes que na ‘Suma Política’ que publicou no ano passado, nos deu a política suma, com que já se escusam as outras» (*Cartas familiares*, p. 416).

<sup>96</sup> D. Fradique da Câmara e Toledo terá traduzido em oitava rima os seis primeiros livros da *Eneida*,



[32]

Merece Antonio Álvarez<sup>97</sup> la estima  
con los premios ganados de poeta,  
aunque a tantos por él envidia imprima  
la emulación de que nació sujeta;  
reprimiendo el ardor pase y reprima,  
si el premio que merece la inquieta.  
Qué premio ha de negarse a tal amparo,  
cuando es mecenas suyo el sol de Faro<sup>98</sup>?

---

segundo Barbosa Machado, que refere também uma comédia sua impressa em Madrid com o título de *Babilónia de amor* (que não encontramos), um romance incluído em *Memórias fúnebres (...) na morte de D. Maria de Ataíde* e um soneto panegírico em *Casamento perfeito* de Diogo Paiva de Andrade.

<sup>97</sup> António Álvares Soares, autor de um livro de poemas publicado com o título de *Rimas várias* (Lisboa, 1628) e de *Elogio funebre en canción real a la vida i hazañas, muerte y obsequias del excelmo señor D. Ambrosio Spinola (...)*, Anveres, 1631. Há uma edição novecentista destas duas obras, publicadas em volume conjunto: *Rimas varias (Lisboa, 1628). Con el elogio fúnebre a Spinola (Amberes, 1631)*, Serie Duque y Marqués, Opúsculos literarios rarísimos, Valencia, 1963. Com nota introdutória de Antonio Pérez Gómez.

<sup>98</sup> Este «sol de Faro» é provavelmente D. Fernando de Faro (1586-1641), 6.º senhor do Vimieiro, o organizador do certame em honra do conde de Linhares.

[33]

Qué llanto a don Antonio de Menezes<sup>99</sup>  
no le debe mi pluma, siendo Aquiles?  
a vista de tan nobles portugueses,  
bombardas no pudieron, ni esmeriles,  
acabar tantas vidas muchas veces  
para que fuese el mar cierzo de Abriles,  
y los hados como él fueron crueles,  
mereciendo sus obras mil laureles.

---

<sup>99</sup> Trata-se de D. António de Meneses, da família dos marqueses de Vila Real, morto no naufrágio da armada portuguesa no golfo de Biscaia, em Janeiro de 1627. D. Francisco Manuel de Melo, que relata este naufrágio na sua *Epanáfora trágica*, refere-se reiteradamente a este fidalgo, comandante de uma das naus – o galeão S. José. No tom emocionado que envolve todo o relato deste drama, escreve D. Francisco: «Acabaraõ nesta tragedia muytos herdeiros de nobres casas, que algũas de todo acabaraõ com elles tambem; entre os quaes foi o mesmo Dom Antonio de Menezes, Capitaõ do navio; em cuja intempestiva morte a Patria perdeo hum Alumno, Marte hum Dicipulo, as Musas hum Amigo» (Cf. *Epanáforas de vária história portuguesa*. Introdução e apêndice documental por Joel Serrão, Lisboa, INCM, 1977, pp. 245-246). Tal como Jacinto Cordeiro, também D. Francisco elogia este fidalgo como concretização do ideal clássico de associação de armas e letras. Outro testemunho contemporâneo do seu prestígio no mundo das letras encontramos-lo na *Gigantomaquia* de Manuel de Galhegos. O frontispício da obra,

[34]

Jacinto Freire<sup>100</sup>, gloria de Helicon,  
de Andrade lustre, de su nombre gloria,  
si flor le jacta y pedra perfecciona  
la gala deste nombre, amable historia,  
merece con justicia la corona  
que le escribe el ingenio en la memoria  
del templo de la fama a que le llama,  
tan inmortal será con él la fama.

---

composto em 1626, apresenta-a dedicada a D. António de Meneses; mas, tendo sido publicada só em 1628 (são desse ano todas as licenças de impressão), o volume inclui uma breve dedicatória do autor a D. Carlos de Noronha, pai de D. António, em que chora «la muerte de un tal Mecenas». Mais tarde Barbosa Machado, fazendo-se eco destes testemunhos contemporâneos, escreve acerca de D. António de Meneses: «Teve igual espirito para as armas, como genio para as Musas, das quaes foy excellente cultor, e singular Mecenas dos Poetas», acrescentando que «compos, e não imprimio *varias obras poeticas*» (*Biblioteca Lusitana*, I, p. 330).

<sup>100</sup> Jacinto Freire de Andrade (1597-1657). A sua principal obra é a *Vida de D. João de Castro, quarto vice-rei da Índia* (1651). Da sua actividade poética restam-nos alguns poemas que foram no século XVIII incluídos no vol. III da *Fénix renascida*.

[35]

De erudición, de humanidad portentoso<sup>101</sup>,  
libres afectos estudioso cría  
Antonio Vaz Castelo<sup>102</sup>, en cuyo aumento  
se encuentran el Derecho y la Poesía;  
agudo ingenio, claro entendimiento  
compiten su ingeniosa fantasía;  
y él compite el laurel a que se atreve,  
que a tan florido ingenio se le debe.

[36]

Para Manuel de Sosa<sup>103</sup> se apresura  
Dafne gozosa a coronarle altivo;  
depuesta ingratitud, vuelve hermosura  
lo que desprecio fue de un pecho esquivo,  
y amorosa previne a igual cordura  
con dulce aplauso corazón festivo,  
bien que a un Sosa Coitiño no es grandeza  
cuando méritos son de tal nobleza.

---

<sup>101</sup> Corrigiu-se a forma «protento» que ocorre na edição original.

<sup>102</sup> António Vaz Castelo – Não consegui identificar este poeta.

<sup>103</sup> Manuel de Sousa Coutinho/Fr. Luís de Sousa (c. 1557-1632); entra para o convento de S. Domingos de Benfica em 1613. Dos poemas que compôs (e não só antes de ser religioso, como quer Barbosa Machado), encontramos publicados poemas panegíricos em obras de poetas como Paulo Gonçalves de

[37]

Si Luis de Melo<sup>104</sup> levantar procura  
y a suprema región ceder la raya,  
quién de precipitado se asegura  
y en tanta inteligencia no desmaya?

---

Andrada (*Várias poesias*), André Froes de Macedo (*Amores divinos*) e Manuel de Galhegos (*Gigantomaquia*), poemas latinos em louvor de Fr. Bernardo de Brito e de Camões, participação no concurso poético com que, em 1588, se celebrou o recebimento de um conjunto de relíquias na igreja de S. Roque (vd. *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa às santas relíquias que se levaram à igreja de S. Roque da Companhia de Jesu aos 25 de Janeiro de 1588*, Lisboa, por António Ribeiro, 1588). No entanto, não foi como poeta que se celebrizou, mas sim como prosador, autor de obras que Jacinto Cordeiro pode ter conhecido ao tempo em que escrevia o seu *Elogio*, como a *História de S. Domingos* (1.<sup>a</sup> parte, 1623) e a *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (1619); refira-se ainda *Anais de El-rei D. João III*, publicados pela primeira vez por Alexandre Herculano em 1844. Destas obras existem edições modernas: *História de S. Domingos*, introdução de Manuel Lopes de Almeida, Porto, 1977; *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*, introdução de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, 1984; *Anais de D. João III*, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, 1951.

<sup>104</sup> Luís de Melo, jurisconsulto e poeta, advogado da Casa da Suplicação, título com que é por vezes identificado em poemas encomiásticos que dele se

Tanto en Derecho la agudeza apura,  
tanto en las musas el poder ensaya,  
que si en Bártolo y Baldo<sup>105</sup> se ha cansado,  
a Ovidio se transforma enamorado.

[38]

Al doctor Luis Pereira<sup>106</sup> admiro atento  
en tan profundo estudio transformado,  
que en leyes de tan docto fundamento,  
nuevo derecho hiciera su cuidado;  
letras, cordura, ingenio, entendimiento,  
modestia, urbanidad, cortés agrado,  
ilustrando sus partes peregrinas,  
le rinden sumisión musas latinas.

---

encontram publicados, terá, segundo o conhecido estilo de Barbosa Machado, suavizado o seu «laborioso ministério» de jurista com «o comércio das Musas», compondo «numerosas obras poéticas». Participou no certame em honra do conde de Linhares e no coro de louvores às *Vária poesias* de Paulo de Andrade. Sousa Viterbo indica ainda um soneto publicado em *El arte poetico de Horacio traducido por don Luis de Çapata (...)*, Lisboa, 1592 (vd. Sousa Viterbo, *Poesias de autores portugueses em livros de escritores espanhóis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1891, pp. 37-38).

<sup>105</sup> Bártolo e Baldo – célebres juristas italianos do século XIV.

<sup>106</sup> Trata-se de Luís Pereira de Castro (1582-1649), irmão de Gabriel Pereira de Castro e responsável

[39]

Luego Juan de Araujo<sup>107</sup> muestra el fruto  
que a la patria propaga en tantas flores,  
porque en darle el laurel por atributo,  
las glorias del laurel se hacen mayores;  
déle<sup>108</sup> Amaltea cándida el tributo,  
y Laura en alabanzas superiores  
proponga a Apolo, si este bien desea,  
que en emplearle en él muy bien le emplea.

---

pela publicação da sua *Ulisseia*. Formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, desempenhou relevantes funções eclesiásticas e diplomáticas. Da sua actividade poética Barbosa Machado refere apenas o poema «Saudades de Lisardo», que teria ficado inédito, além dos poemas incluídos na edição da *Ulisseia* e nas *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde*.

<sup>107</sup> João de Araújo – Mais um poeta do qual, apesar «das muitas obras poeticas de que foy fecunda a sua idea», no dizer de Barbosa Machado, apenas encontramos publicados alguns raros poemas panegíricos em obras de outros autores (v. g. Vicente de Gusmão Soares e Manuel de Galhegos), e também no já referido certame em honra do conde de Linhares, em que colaborou com dois sonetos, tendo um deles ganho o terceiro prémio.

<sup>108</sup> Garcia Peres leu «de la».

[40]

Aquí, Fénix, reservo una sirena  
cuya voz celestial, cuya armonía  
muchos laureles a su pluma ordena,  
debidos por razón, no en cortesía,  
que es Violante<sup>109</sup> deidad cuya Camena  
a valientes ingenios desafía,  
con tanta admiración que, alzando el vuelo,  
las letras hurta del insigne abuelo<sup>110</sup>.

[41]

Martín de Crasto<sup>111</sup> con heroicos bríos,  
aunque en vida mejor tendrá jactancia,  
mares la pluma honró, que mares ríos  
son sus ríos ya mares de elegancia;

---

<sup>109</sup> Sórora Violante do Céu (1607-1693), freira dominicana no convento da Rosa em Lisboa. A sua poesia, muito apreciada, circulou manuscrita nos meios letrados e aristocráticos da época. Ao tempo em que Jacinto Cordeiro publica este *Elogio* apenas se encontravam impressos alguns poemas laudatórios em obra de outros poetas, v. g. Paulo Gonçalves de Andrade. Virá pouco depois a colaborar na homenagem poética a Lope de Vega aquando da sua morte (vd. *Fama póstuma a la vida y muerte del doctor Frey Lope Felix de Vega Carpio y elogios panegíricos a la inmortalidad de su nombre escritos por los más esclarecidos ingenios*, Madrid, 1636, pp. 54-55). O primeiro volume de versos seus, com o título de *Rimas várias*, é publicado em Ruão em



---

1646. Só quarenta anos após a sua morte é publicada outra obra sua, uma vasta compilação de poemas intitulada *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos* (Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1733, 2 vols.). Do livro *Rimas várias* existe uma edição moderna (vd. Sórora Violante do Céu, *Rimas várias*. Introdução, notas e fixação do texto de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Editorial Presença, 1994).

<sup>110</sup> O «insigne abuelo» é Gonçalo Nunes de Ávila, que João Franco Barreto classifica de «avogado insigne». Segundo este autor, Violante do Céu «foi antes de entrar em a Religião o assunto dos versos de Paulo Gonçalves de Andrade, que com ela pertenceo cazar, e se não effectuou, porque não quis seu avô della Gonçalo Nunes de Avila» (cf J. Franco Barreto, *Biblioteca lusitana*, vol. V, fol. 953).

<sup>111</sup> Martim de Crasto do Rio (c. 1548-1613) tinha já falecido quando Jacinto Cordeiro escreve este elogio. O apreço dos seus contemporâneos pela sua poesia é testemunhado, não só pelas referências elogiosas de diversos autores, como pelo facto de poemas seus serem frequentemente integrados em cancioneiros manuscritos dos séculos XVI e XVII. Foi só através desta tradição manuscrita que a sua poesia chegou até nós. Actualmente dispomos de uma edição desse acervo poético (vd. Mafalda Ferin Cunha, *A poesia de Martim de Castro do Rio*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011).

bien pueden los escritos desafíos  
a Italia publicar, España y Francia,  
si docto entre los suyos los recuerda  
grave Fernan Correa de la Cerda<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> Fernão Correia de Lacerda, que Barbosa Machado classifica de «um dos mais célebres poetas do seu tempo», deixou a sua obra totalmente inédita. Dessa obra existiriam três tomos na biblioteca de D. Rodrigo da Cunha, segundo informação daquele bibliógrafo. Uma obra que incluiria um poema heróico (*Império Lusitano*), um poema lírico (*Pastor de Guadalupe*) e poemas menores como sonetos e romances. Do seu prestígio como poeta dão testemunho contemporâneos seus como D. Francisco de Portugal (vd. *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha*. Edição, introdução e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, CITCEM/Ed. Afrontamento, 2015) e D. Francisco Manuel de Melo, que tenta explicar a razão por que não publicou a sua obra: «Fernão Correia de Lacerda, a quem nada faltou para poeta grande senão a desconfiança, cuja falta lhe fez descuidar de suas obras, certo de muita estima» (cf. *Hospital das Letras*, ed. de Jean Colomès, Paris, F.C.G., 1970, p. 83). Sobre a obra lírica deste poeta pode ver-se Maria Ema Tarracha Ferreira, *A poesia lírica de Fernão Correia de Lacerda*. Dissertação de Mestrado, FLUL, 1987.

[42]

De Luis Mendes de Abreu<sup>113</sup> la heroica fama  
por aliento a las musas considero,  
que a darle palmas cada cual le llama;  
primero que el laurel, ella primero  
primicia fue de Apolo, dellas rama;  
y así<sup>114</sup> por la elegancia le venero,  
que le ofrecen las musas tantas palmas  
viendo sus letras, de los versos almas.

[43]

Fray Bernardo de Brito<sup>115</sup>, a Luso gloria,  
que llora muerto con piedad estraña  
de tan altivo ingenio la memoria,  
dejando en muerta pluma viva hazaña;

---

<sup>113</sup> Luís Mendes de Abreu – mais um poeta que não conseguí identificar.

<sup>114</sup> Garcia Peres leu «y yo».

<sup>115</sup> Frei Bernardo de Brito (1569-1617), membro da Ordem de Cister. Apesar de ser considerado o autor da obra poética *Sílvia de Lisardo*, publicada em 1597, Jacinto Cordeiro refere-se aqui apenas ao seu trabalho como historiador, movido por um espírito nacionalista deseioso de mostrar ao mundo as grandezas de Portugal; intenção legível tanto nos *Elogios históricos dos reis de Portugal* (1603) como nos seus tão controversos textos da *Monarquia Lusitana* (Primeira e Segunda partes).

debe el laurel honrarle por la historia,  
veneración le debe toda España,  
si ya detracta en él el tiempo esquivo  
un fénix muerto, para honrarnos<sup>116</sup> vivo.

[44]

De llorar a Maris<sup>117</sup> jamás se aleja,  
aumentando a la voz fatal estrago,  
si a docto estilo por estilos deja  
del ingenio la copia en breve amago;  
tanto Coimbra con dolor se queja  
como por Anibal lloró Cartago,  
que honró tal vez la patria en larga suma,  
a falta de la espada, heroica pluma.

---

<sup>116</sup> Garcia Peres leu «honrarle».

<sup>117</sup> Pedro de Mariz (1562-69 – 1615). Nasceu em Braga, mas cedo se radicou em Coimbra, em cuja Universidade se formou e de que foi bibliotecário. Da sua vasta obra, parte da qual ficou inédita, Jacinto Cordeiro parece ter aqui em vista apenas a mais importante – os *Diálogos de vária história*, uma história de Portugal que publica em 1594 e reedita em versão ampliada em 1598; perdeu-se a «segunda parte» desta obra que o autor prometera e que, segundo testemunho de João Franco Barreto, estaria pronta para a impressão à data da sua morte.

[45]

Mas ya Diego de Paiva<sup>118</sup> restituye  
lo que en los dos perdió, que el solo puede,  
quando con tanta gala sustituye  
su pluma a Livio, porque<sup>119</sup> Livio excede,  
con tanta admiración que constituye  
aplausos en que él mismo se sucede;  
es de Homero retrato, y del Mantuano,  
Séneca portugués, nuevo Claudiano.

---

<sup>118</sup> Diogo de Paiva de Andrade (1576-1660), sobrinho do ilustre teólogo do mesmo nome. Poeta novilatino, compôs não só poesia lírica, mas também duas tragédias (*Joannes Baptista* e *Eduardus*, esta sobre a morte de D. Duarte, irmão de D. João IV) e o poema épico *Chauleidos libri duodecim* (1628) em que, tomando por modelo a *Eneida*, exalta os feitos dos portugueses no cerco de Chaul. No campo dos estudos históricos publicou *Exame de antiguidades* (1616), obra em que censura severamente a *Monarquia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito. A sua obra mais célebre é, no entanto, o tratado de moral conjugal intitulado *Casamento perfeito*, publicado em 1630.

<sup>119</sup> Garcia Peres tem «y quando a Livio excede».

[46]

Manuel Suarez<sup>120</sup> copia en sus despojos  
lustres del gran poder de Alberguería;  
nunca homérica pluma le dio enojos  
si de la suya suelta el armonía;  
para la elevación, paran los ojos  
al decoro que alienta en la poesía;  
tan hijo de las musas me parece,  
que el laurel para honrarse en él florece.

---

<sup>120</sup> Manuel Soares de Albergaria terá composto em verso heróico latino a sua prova final do curso de jurisprudência na Universidade de Coimbra, composição que em seguida viu impressa (*Poetica repetitio legis*, Coimbra, por Diogo Gomes Loureiro, 1604). Segundo Franco Barreto, terá também colaborado no volume colectivo com que a Universidade celebrou o nascimento do futuro Filipe IV de Espanha (*Augustissimo Hispaniarum Principi recens nato Philippo Dominico Victorio Austriaco*, Coimbra, por Diogo Gomes Loureiro, 1606), mas o facto de todos os poemas desta colectânea serem apresentados anónimos não nos permite saber quais os que serão da sua autoria. O restante da sua produção literária ficou inédito, exceptuando-se apenas uma canção à brevidade da vida, que começa «Qual Tobias sentado/ na ribeira do Tigris contemplava», incluída na *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrada (ed. em fac-simile da de 1867, Lisboa, INCM, 1993, pp. 110-112), canção que lhe é atribuída por Barbosa Machado, ignoramos com que fundamento.

[47]

Luego el doctor Cardoso<sup>121</sup> en el desgarró  
con prevenida acción al premio asiste,  
que a darle Febo el luminoso carro  
no lloraras, Lampecía, el caso triste  
del hermano Faetón cuando bizarro  
muerto a tus ojos con un rayo viste,  
que el doctor con su ingenio le domara,  
y el *Alta petis*<sup>122</sup> sin vigor quedara.

---

<sup>121</sup> Trata-se de Fernando Cardoso, que D. Francisco Manuel de Melo inclui no grupo dos portugueses que publicaram «doutos livros» de Medicina (*Cartas familiares*, p. 415). Além de obras sobre questões médicas, terá publicado também uma *Oración fúnebre en la muerte de Vega Carpio, laureado de las Musas. Dedicado al duque de Sessa*, Madrid, por la Viuda de Juan Gonzalez, 1635 (cf. Garcia Peres, *Catálogo razonado*, pp. 98-99), e é um dos poetas portugueses que colaboraram na *Fama posthuma a la vida y muerte del doctor Frey Lope Félix de Vega Carpio*. Sousa Viterbo indica outros poemas dispersos deste autor in *Três médicos poetas*, Lisboa, 1908, pp. 15-19. Sobre a vida e obra deste notável judeu português, pode ler-se Josej Hayim Jerushalmi, *From Spanish Court to italian ghetto – Isaac Cardoso. A study in Seventeenth-Century Marranism and Jewish Apologetics*, University of Washington Press, Seattle and London, 1981.

<sup>122</sup> Garcia Peres transcreve *Altapetis*, tal como se lê na edição de 1631. Cremos, no entanto, dever ler-se *Alta petis*, expressão usada por Febo na resposta ao

[48]

Muchos laureles, muchos solicita,  
poco mi pluma indigna le encarece,  
Fernan Rodríguez Lobo Soropita<sup>123</sup>  
con ingenio divino los merece,

---

pedido do filho – «*Alta* (ou *Magna*, noutras edições) *petis, Phaeton*» (Ovídio, *Metmorfofos*, Livro II) – e aqui substantivada por Jacinto Cordeiro.

<sup>123</sup> Fernão Rodrigues Lobo Soropita (c.1565-c.1632). A obra deste poeta encontra-se dispersa por diversos cancioneiros manuscritos, nomeadamente o *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Alguns dos seus textos foram publicados por Camilo Castelo Branco – *Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, com uma prefação e notas de Camilo Castelo Branco, Porto, Tipografia Lusitana, 1868. Actualmente dispomos de uma edição de toda a obra conhecida do poeta – Fernão Rodrigues Lobo Soropita, *Obra poética e em prosa*. Edição de Maria Luísa Linhares de Deus, Porto, Campo das Letras, 2007. O nome de Fernão Rodrigues Lobo Soropita aparece-nos também associado ao de Camões, pois foi ele o organizador da primeira edição das *Rimas* camonianas (1595) e autor do «prologo aos leyttores», em que explicita alguns dos critérios que guiaram o seu trabalho de preparação da publicação. Este texto aparece anónimo na edição das *Rimas* de 1595, mas será retomado na de 1616, aí já com a seguinte indicação: «Prologo aos leyttores. Por o Licenciado Fernão Rodriguez Lobo Surrupita Avogado nesta corte. Em 1595».



que a muchos el laurel por docto quita;  
esto en tan graves versos me parece,  
no lo entiendo mejor, desdicha es suma,  
que no pasa de cómica mi pluma.

[49]

Los críticos, los cultos<sup>124</sup>, que arrogantes  
escribiendo a las musas en diptongo,  
que piensan papagayos ser gigantes,  
transformando su lengua en la de Congo;  
estos que candorizan rutilantes,  
de su ciencia fantástica soy hongo,  
y aunque vendan por suyo lo que dijo  
Ovídio y Marcial, yo no<sup>125</sup> me aflijo.

---

<sup>124</sup> Jacinto Cordeiro formula aqui uma crítica jocosa à então designada poesia «culto», inserindo-se assim na acesa polémica provocada pela publicação dos poemas gongorinos *Polifemo* e *Soledades*, polémica que ecoa ao longo de toda a época barroca. A designação de «cultos» assume frequentemente, no contexto desta polémica, uma conotação pejorativa, funcionando como anátema de cultores de uma poesia rebuscada e excessivamente artificiosa, construída à base de vocábulos exóticos e pretensiosamente eruditos, de uma sintaxe complexa que altera a ordem normal das palavras, da acumulação de metáforas insólitas; uma poesia censurada pela sua «obscuridade», objecto de numerosas críticas, tanto em Portugal como em Espanha.

<sup>125</sup> Falta este «no» na transcrição de Garcia Peres (*Catálogo razonado*, p. 133).

[50]

Volvamos, Fénix, al laurel sagrado,  
que el granjear enemigos no es cordura,  
y al maestro Fray Tomás<sup>126</sup> veréis copiado  
con ingenio feliz que os asegura  
mi pluma humilde en tan urbano agrado,  
tanta moderación, tanta blandura,  
que si hay más que laurel, más se debía  
a sus letras, ingenio y cortesía.

---

<sup>126</sup> Supomos tratar-se de Fr. Tomás Aranha, dominicano, bacharel em Teologia pela Universidade de Coimbra, «Doutor e Mestre na sua Religião». Foram publicados alguns dos sermões que pregou. João Franco Barreto atribui-lhe ainda um livro intitulado *Triunfo da Fé em a vida e morte do glorioso S. Pedro Mártir*, e acrescenta que «fez também algumas canções e sonetos, romances e outras poesias na ocasião da aclamação e coroação del Rey Dom João 4 (...) que se imprimiram sem nome de autor na officina de Lourenço de Anveres, anno 1644» (*Biblioteca Lusitana*, vol. V, fol. 907 r/v). Esta miscelânea poética é talvez a que foi publicada com o seguinte título: *Poesias compostas na Universidade de Coimbra na occasião da aclamação, & coroação del Rei Dom João o quarto de Portugal, que se não offereceraõ no certamen poetico, que na dita Universidade ouve nem andão no livro dos seus applausos*. Em Lisboa, na officina de Lourenço de Anveres, 1645.

[51]

Fray Francisco de Silva<sup>127</sup> ilustre enseña,  
cuando con pico de oro el gusto amaga,  
que a muchos cisnes con razón desdeña,  
y a muchos gustos eloquente paga.  
Qué humano entendimiento no despeña,  
si en divinos conceptos nos propaga  
copias de insigne sangre en los conceptos,  
rayo de admiración para discretos?

[52]

Fray Juan de Ceuta<sup>128</sup>, deste coro grave  
águila superior, que altiva lucha  
con los rayos del sol, vuela suave,  
y de Escoto agudezas solo escucha;

---

<sup>127</sup> Fr. Francisco da Silva (1583-1633), frade carmelita, doutor em Teologia pela Universidade de Évora, que Barbosa Machado classifica de «grande pregador», «profundo teólogo» e «um dos poetas mais discretos do seu tempo». Teria deixado pronto para a impressão um volume de sermões, que não chegou, contudo, a ser publicado.

<sup>128</sup> Fr. João de Ceuta é incluído por D. Francisco Manuel de Melo entre os «abalizados autores» portugueses que «nas ciências divinas (...) resplandecem», declarando-o famoso «em cátedra, púlpito e livros» (*Cartas familiares*, p. 413).

él solo con la pluma a sí<sup>129</sup> se alabe;  
venerarle podré con razón mucha,  
pero alabarle no, que es desvarío,  
cuando no es tan capaz el genio mío.

[53]

Fray Francisco Travassos<sup>130</sup>, ya Sirena  
duplica al tierno canto melodía;  
tal vez suspende su fecunda vena  
los que pasan el mar de su Talía,  
que astuto Ulises el pasarle ordena,  
aunque de Circe hermosa la porfía  
le avise la dulzura de sus lazos  
que no encanten los versos de Travassos.

---

<sup>129</sup> O exemplar da 1.<sup>a</sup> edição que seguimos tem «assi», forma que, de acordo com o contexto, nos parece dever ser corrigida.

<sup>130</sup> Acerca de Fr. Francisco Travassos declara Barbosa Machado que se ignora quer o local de nascimento quer a ordem religiosa a que pertenceu. Como tanto outros contemporâneos, terá composto muitas poesias que ficaram inéditas, das quais o bibliógrafo setecentista destaca uma canção e um soneto, cujos *incipit* cita (*Biblioteca lusitana*, II, 275-276).

[54]

Para Antonio de Silva<sup>131</sup> alegre el Tajo  
y Daniel Aranil<sup>132</sup> fiestas ordena,  
previniendo las ninfas agasajo  
que vieron a Gonzalo de Lucena<sup>133</sup>;

---

<sup>131</sup> António da Silva – Deste autor refere João Franco Barreto «huma obra em canções na lingua castelhana do Amor bom e mau dividida em seis livros. Muitos versos a varios propositos com muita arte e espirito; e entre eles he bem celebrado aquele soneto a hum amigo que começa Choraí Nymphas dos Rios Lusitanos. Tambem dizem ser sua a pratica que se fez a Phelipe 3.<sup>o</sup> na entrada de Evora, letreiros de sua porta e arcos da praça» (J. Franco Barreto, *Biblioteca lusitana*, fol. 251 r/v).

<sup>132</sup> Daniel Aranil – poeta não identificado.

<sup>133</sup> Gonçalo de Lucena de Carvalho terá composto, entre outras produções poéticas, um poema heróico acerca da batalha de Ourique, elogiado por Severim de Faria que, segundo conta Barbosa Machado, o ouviu ler ao seu autor. D. Francisco Manuel de Melo refere o nome de Gonçalo de Lucena entre os numerosos poetas «de conhecido e levantado espírito» que, no *Hospital das Letras*, não são sujeitos a análise crítica por terem ainda apenas textos manuscritos, que podem por isso ser «emendados e convalecidos per si mesmos» (*Hospital*. ed. cit., p. 84). Também na carta ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca o inclui «entre os sábios de Europa conhecidos» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 414).

ya les tejen coronas sin trabajo  
por liquido cristal trocando arena,  
que dejaron<sup>134</sup> gozosas los cristales  
por adornar sus sienes inmortales.

[55]

La pluma, Fénix, cansa, y el aliento,  
y más cansaros teme desmayada,  
que a vista dese insigne entendimiento,  
qué pluma puede haber tan alentada?  
la de Luis de Tovar<sup>135</sup> por digna siento  
del premio de contienda tan honrada,  
y la de Severim<sup>136</sup> con grave empleo  
merece desta justa ser trofeo.

---

<sup>134</sup> Garcia Peres tem «y dejando».

<sup>135</sup> Luís de Tovar, autor de *Poema mystico del glorioso Santo Antonio de Padua: contiene su vida, milagros y muerte* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1616), composto em oitavas e dividido em 13 livros, poema que D. Francisco Manuel de Melo refere no *Hospital das Letras* (ed. cit., p. 83). De Luís de Tovar encontram-se ainda poemas dispersos, como o poema laudatório em *Várias poesias* de Paulo Gonçalves de Andrade, ou a canção na *Relacion de las fiestas (...) en la canonizacion de (...) san Isidro* (Madrid, 1622, fol. 123 r/v).

<sup>136</sup> Pensamos tratar-se, não de Manuel Severim de Faria, o ilustre chantre da Sé de Évora, mas de seu sobrinho Gaspar de Faria Severim, que Barbosa Machado classifica de «poeta elegante e genealógico

[56]

Con docto estilo imperioso vuela  
a la fama inmortal que le guarnece  
el ingenio divino de Cacela<sup>137</sup>,  
que entre tantos ingenios resplandece.  
Antonio Sánchez<sup>138</sup> con razón desvela  
la gloria del laurel que se le ofrece  
por ley de la razón con que le alcanza,  
tan justo premio debe a su alabanza.

---

erudito», referindo uma obra intitulada *Famílias do reino de Portugal*, que não chegou a ser publicada, e várias obras poéticas, que ficaram igualmente em manuscrito. Também D. Francisco Manuel de Melo destaca este autor entre os genealogistas: «o secretário Gaspar de Faria Severim, que, em meo das ocupações de seu ministério, vem a descansar a pena em honra da pátria do que todo o dia trabalha em proveito da República» (*Cartas familiares*, ed. cit., p. 418).

<sup>137</sup> Cremos tratar-se de Bartolomeu Cacela do Vale, doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra e, segundo Barbosa Machado, «notável na oratória sagrada e profana». O bibliógrafo setecentista refere a oração que proferiu por ocasião da entrada de Filipe III em Elvas, em 1619, impressa na obra de João Baptista Lavanha, *Viagem da Catholica Real Magestade del Rei D. Filipe II N. S. ao reyno de Portugal* (Madrid, por Thomas Iunti, 1622, fol. 3r), e o sermão pregado na eleição do bispo D. Sebastião de Matos de Noronha (1625).

<sup>138</sup> Este poeta António Sanches é, muito provavelmente, António Sanches Farinha, acerca do qual

[57]

Custodio Lobo<sup>139</sup>, dócil y elegante,  
admiración promete en el cuidado,  
que ostenta cisne dulce voz de amante,  
grandezas de un ingenio dilatado.  
Rasgos corta con pluma de diamante  
de Fernan Manuel<sup>140</sup> el plectro osado  
ya sirena, ya imán es si procura  
conducir el laurel a su blandura.

---

João Franco Barreto escreve o seguinte: «frade lego da provincia da Arrabida, onde entrou já depois de veuvo; tinha muito grande espirito para a poezia, ainda que carecia de letras. Compos em esta arte com grande acerto varias obras a diferentes assuntos; e delles na corte de Madrid, anno de 1632 (...) me comunicou hum vasto volume delles, que então fazia conta de imprimir. Depois de entrar na Religião fez tambem alguns versos ao divino, que por vezes me repetio, e todos com grande espirito e facil vea» (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, fol. 247v).

<sup>139</sup> Custódio Lobo – Encontra-se o nome deste poeta entre os participantes no certame em honra do conde de Linhares.

<sup>140</sup> Fernão Manuel – Deste poeta encontrei apenas um poema encomiástico nas *Várias poesias* de Paulo de Andrade e outro na *Gigantomaquia* de Manuel de Galhegos.



[58]

Melchor Vaz<sup>141</sup>, con afecto en el decoro,  
prueba haber de las musas el desvelo,  
y escribe versos ya con pluma de oro  
con que aspira a ilustrar su altivo vuelo.  
Francisco Gómez Teles<sup>142</sup> sube al coro  
de las musas llamado, que hechas cielo,  
le esperan con buen gusto las más bellas,  
y en esto le tuvieron todas ellas.

[59]

De Bernardo Rodriguez<sup>143</sup> luce el fruto  
de versos, de conceptos y de flores,  
coronas del laurel por atributo  
a tal ingenio quedan inferiores;

---

<sup>141</sup> Melchor Vaz – poeta não identificado.

<sup>142</sup> Francisco Gomes Teles – Mais um poeta não identificado.

<sup>143</sup> Bernardo Rodrigues (?-1631), talento «admirável em todo o genero de composições metricas», segundo Barbosa Machado, que destaca os «Tercetos ao Santissimo Nome de Jesus» como o seu poema «mais elegante» (*Biblioteca lusitana*, vol. I, p. 537). Opinião bem menos elogiosa exprime D. Francisco de Portugal numa das suas cartas a D. Rodrigo da Cunha, considerando que seria melhor o poeta desistir da intenção de publicar os seus versos, embora o tenha aconselhado a pedir e seguir o douto parecer de D. Rodrigo: «Bernardo Roiz (...) está gentio no queimá-los [os seus papéis] e, quanto a

y si a Miguel Botello<sup>144</sup> dan tributo,  
quedan con tanta gloria superiores,  
que en pluma altiva con acción gallarda  
resucitan memorias de Clenarda.

---

mim, com a vaidade de cuidar que são bons, o engana o diabo; estonce lhe lembrei que só V. Ilm.<sup>a</sup> o podia julgar e emparar, suposto que fará bem de não empimir, que agora corre outra moeda, não sei se pior.» (vd. D. Francisco de Portugal, *Epistolário a D. Rodrigo da Cunha (1616-1631)*. Edição, introdução e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, CITCEM/ Afrontamento, Porto, 2015, p. 256). Também D. Francisco Manuel de Melo porá mais tarde na boca de uma das personagens da sua *Visita das Fontes* uma apreciação jocosa e pouco abonatória: «Bernardo Rodrigues, que chamaram “o Mocho”. (...) era ele o Apolo deste Reino, tanta opinião se tinha de suas letras e juízo. (...) seu desempenho foi compor em cinquenta anos cinquenta outavas a São Tomé, e no cabo errou-lhe a hũa os consoantes.» (*Visita das Fontes*. Edição fac-similada e leitura do autógrafa (1657), introdução e comentário por Giacinto Manuppella, Coimbra, 1962, p. 181).

<sup>144</sup> Miguel Botelho de Carvalho (1595-?). Autor de várias obras poéticas: *Fábula de Piramo y Tisbe* (Madrid, 1621), *La Filis* (ib., 1641), *Soliloquio a Cristo nuestro Señor en la cruz* (Paris, 1645), *Rimas varias y Tragicomedia del Mártir de Etiopía* (Ruan, 1646). O último verso desta estrofe alude à sua novela pastoril *El pastor de Clenarda* (Madrid, 1622).

[60]

Lleva Alvaro Gonzalez<sup>145</sup> el cuidado,  
la gala, la dulzura cuando intenta  
aplausos con su ingenio delicado  
si enamora las musas que frequenta;  
tanto con su blandura enamorado  
vivos efectos<sup>146</sup> dulce representa,  
que ellas la sangre en él han conocido  
que tiene de Camões substituido.

[61]

Manuel de Vasconcelos<sup>147</sup>, en desmayos  
de la pena inmortal que considera,  
lira toca y canta en sus ensayos  
«como pasó su bella flor ligera».

---

<sup>145</sup> Álvaro Gonçalves, poeta cuja obra não foi publicada. Barbosa Machado, remetendo para esta estrofe de Jacinto Cordeiro, designa-o de «insigne imitador» de Camões (*Biblioteca lusitana*, vol. I, p. 105).

<sup>146</sup> Garcia Peres leu «afectos».

<sup>147</sup> Trata-se de Manuel de Gouveia de Vasconcelos, mais um poeta que terá composto numerosas obras poéticas, mas de que apenas foram publicados os dois sonetos com que participou no certame do conde de Linhares.

Manuel de Vega<sup>148</sup> suspendiendo rayos  
con ingenio feliz es primavera  
que hace inmortal a Anfriso en la memoria  
si es de Laura Petrarca en dulce historia.

[62]

Cuando Manuel Quintano<sup>149</sup> el premio intenta  
con pluma libre, con florida mano,  
no correrá del golfo la tormenta,  
si es el laurel con todos cortesano;

---

<sup>148</sup> Manuel da Veiga Tagarro, poeta de cuja vida nada se sabe, é autor de um livro de poemas intitulado *Laura de Anfriso*, publicado em Évora em 1627 (2.<sup>a</sup> edição em Lisboa, Tipografia Rolandiana, 1788). A obra, dedicada a D. Duarte, irmão do futuro D. João IV, divide-se em duas partes: a primeira, constituída por quatro écloas, é uma homenagem à Casa de Bragança, sendo estes poemas dedicados ao duque D. Teodósio, a seu irmão o marquês de Frechilla, e a seus filhos D. João e D. Duarte. Na segunda parte da obra, constituída por odes organizadas em seis «livros», desenha-se uma história de amor e desengano, vivida por Laura e Anfriso, em versos harmoniosos onde sentimos com frequência ecos da poesia de Camões e Petrarca. Mas as notas abundantemente disseminadas pelas margens da obra (na 1.<sup>a</sup> edição) remetem para muitos outros textos inspiradores, nomeadamente de Virgílio, Horácio e Ovídio.

<sup>149</sup> Supomos tratar-se de Manuel Quintano de Vasconcelos, autor de uma novela pastoril intitulada *A paciência constante. Discursos poéticos em estilo*

Pegado<sup>150</sup> en Helicon plaza asienta,  
porque es ya con las musas tan humano,  
que siendo en los conceptos peregrino  
con tanta humanidad se hace divino.

---

*pastoril* (Lisboa, 1622); há uma reedição moderna desta obra, com introdução e notas de António Cirurgião (Lisboa, INCM, 1994). Barbosa Machado (vol. III, p. 348) refere-o também como autor de poesias portuguesas que ficaram inéditas

<sup>150</sup> Jacinto Cordeiro refere-se ao poeta Afonso Ribeiro Pegado, de quem se encontram publicados os poemas com que participou em certames como o realizado em honra do conde de Linhares, e os que se celebraram em Madrid por ocasião da canonização de Santo Isidro (*Relacion de las fiestas que la insigne Villa de Madrid hizo en la Canonizacion de (...) San Isidro (...)*, Madrid, 1622, fols. 103 v/r e 146 r/v) e dos santos da Companhia de Jesus Santo Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier (*Relación de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y San Francisco Xavier*, Madrid, 1622, fol. 91v-92v), tendo as décimas com que participou nesta «justa poética» alcançado o 3.º prémio. Sousa Viterbo, em trabalho que dedicou a este poeta, além de dados sobre a sua biografia, indica ainda um soneto panegírico publicado in *Sanazaro Español* (Madrid, 1620), tradução de Herrera Maldonado do *De partu Virginis* de Sannazaro, e uma décima incluída no *Luciano Español* (Madrid, 1621) do mesmo tradutor (vd. *Poesias avulsas de Afonso Ribeiro Pegado*, coligidas e anotadas por Sousa Viterbo, Lisboa, 1906).

[63]

Llegue Manuel Suarez<sup>151</sup> que merece  
sin temor a la vista desta Troya,  
que el genio de la pluma le guarnece  
contra la emulación de quien es joya.

---

<sup>151</sup> Não consegui identificar o autor aqui nomeado. João Franco Barreto refere um Manuel Soares, cano-nista, docente na Universidade de Coimbra, que «deixou limpo hum tratado *de legibus*, obra muito gavada de todos» (*Bibl. lus.*, vol. IV, fol. 790 r/v). Deste autor se ocupa igualmente Barbosa Machado, indicando várias obras suas em latim sobre questões jurídicas, incluindo o *De legibus*. O nome de Manuel Soares aparece também na longa lista de «escritores que em diversas matérias de leis se ocuparam» que D. Francisco Manuel de Melo apresenta na carta ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca (*Cartas familiares*, p. 419). No entanto, não parece que seja este jurista o autor aqui visado por Jacinto Cordeiro. Em busca de um poeta com este nome, encontrámos uma referência em João Soares de Brito, que se limita, no entanto, a remeter para o catálogo elaborado por Faria e Sousa: «Emmanuel Suares inter Lusitanos poetas recensetur ab Emmanuel de Faria in Indiculo citato» (*Theatrum Lusitaniae Litterarium*, p. 380). Com efeito Faria e Sousa inclui um Manuel Soares poeta na longa lista de autores portugueses que apresenta na sua *Epítome de las historias portuguesas* (parte IV, cap. 15), mas da cópia do seu *Catalogo dos Autores Portugueses* existente na Biblioteca Nacional de Portugal (Cod. 361), bem como na que se conserva na Biblioteca da Ajuda (51-II-68), apenas consta

Venga Eloyo de Sá<sup>152</sup>, que le obedece  
el Mondego que alaba sino apoya,  
porque haciendo en su ocaso primaveras,  
los pastores cantó de sus riberas.

[64]

Siguiendo musas y alegrando flores  
con versos dignos del amor que niega,  
gozando por desmayos los favores,  
Tristan Vaz<sup>153</sup> canta en su florida vega.

---

Manuel Soares de Albergaria, um poeta que Jacinto Cordeiro já elogiou na estrofe 46. Acrescente-se ainda que no chamado *Cancioneiro Manuel de Faria* se encontram dois poemas – uma canção e um soneto «à morte de seu irmão» – atribuídos a um Manuel Soares (cf. *The Cancionero “Manuel de Faria”*. A critical edition with introduction and notes by Edward Glaser, Aschendorff, Münster Westfalen, 1968, pp. 153-155 e 128-129). De que Manuel Soares se trata?

<sup>152</sup> Este Eloyo de Sá é o poeta Elói de Sá Sotomaior, e a obra aqui referida é a sua novela pastoril *Ribeiras do Mondego* (Lisboa, 1623), obra reeditada com prefácio de Martinho da Fonseca (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932). Deste poeta pode ainda destacar-se um livro de poemas intitulado *Jardim do céu, dirigido a Deos Nosso Senhor* (Lisboa, por Vicente Álvares, 1607) e uma canção celebratória da visita de Filipe III a Portugal, *A la felicissima entrada de su Magestad en esta ciudad de Lisboa* (Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1619).

<sup>153</sup> Tristão Vaz – poeta não identificado.

Diego Gomez<sup>154</sup>, felice en los amores,  
para gloria del Tajo al monte llega;  
verá en él<sup>155</sup> su presencia respetada  
por diestro con la pluma y con la espada.

[65]

A Pedro de Noroña<sup>156</sup> que detiene,  
cantando cisne en dulce melodía,  
las aguas de la fuente de Hipocrene  
y las musas latinas desafía,

---

<sup>154</sup> Diogo Gomes de Figueiredo, «insigne na ciência militar» e muito apreciado como poeta, segundo Barbosa Machado, que repete assim o juízo aqui formulado por Jacinto Cordeiro – «diestro con la pluma y con la espada» – e por outros seus contemporâneos. Da produção poética deste autor (que constituiria três tomos manuscritos) temos apenas colaboração na *Fama posthuma* na morte de Lope de Vega, uma ode integrada nas *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde* e uma canção incluída no *Panegírico a André de Albuquerque Ribafria*, de João de Medeiros Correia (Lisboa, por Domingos Carneiro, 1661). A sua ciência militar terá ficado documentada em obra intitulada *Destreza das armas*, que permaneceu manuscrita, mas que foi objecto de louvor poético de D. Francisco Manuel de Melo (vd. soneto 28 de «A tuba de Calíope», in *Obra métricas*, Braga, Edições APPACDM, 2006, vol. II, p. 461) e de António Barbosa Bacelar (vd. Silva «A Diogo Gomes de Figueiredo no seu livro da Espada», in *Obras poéticas de António Barbosa*



---

*Bacelar (1610-1663)*. Edição de Mafalda Ferin Cunha, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, pp 429-431). Não tendo a obra sido impressa em vida do seu autor, supõe-se que os títulos indicados correspondam ao «Memorial da Pratica do Montante que incluye dezasseis regras simplez, e dezasseis compostas. Dado em Alcantara ao Serenissimo Principe Dom Theodozio que Deus guarde pello Mestre de campo Diogo Gomes de Figueyredo, seu Mestre na ciencia das Armas. Em 10 de Mayo de 1651», texto publicado por Sousa Viterbo in *A esgrima em Portugal. Subsídios para a sua história*, Lisboa, Tipografia Universal, 1897, pp. 51-64.

Da biografia de Diogo Gomes de Figueiredo sabemos que foi um dos «aventureiros» que embarcaram na armada comandada por D. Manuel de Meneses que sofreu naufrágio no golfo da Biscaia em Janeiro de 1627. D. Francisco Manuel de Melo destaca-o ao referir «as pessoas de mais conta, que na Armada de aquelle anno se embarcãrão, em foro de Aventureiros»: «entre os mais, Diogo Gomes de Figueiredo, agora [1657] Mestre de Câpo, & que o foi no uso das armas, em que he excellente, do serenissimo Principe de Portugal, Dom Theodosio, que Deus haja» (cf. D. Francisco M. de Melo, «Epanáfora trágica», in *Epanáforas de vária história portuguesa*, introdução e apêndice documental por Joel Serrão, Lisboa, INCM, 1977, p. 194). Mais tarde, viria a ser mestre de armas do príncipe D. Teodósio (como D. Francisco Manuel recorda) e a desempenhar papel relevante nas principais acções militares da guerra da Restauração.

<sup>155</sup> Garcia Peres tem «verá con».

<sup>156</sup> Trata-se de Pedro de Noronha de Andrade, acerca do qual João Franco Barreto escreve: «natu-

el laurel para honrarle se previene.  
Ya Diego Lopez León<sup>157</sup> honrar podía  
el mismo Apolo que el laurel reparte  
cuando con tanto ingenio admira el arte.

---

ral de Lisboa, muito grande poeta vulgar; fez muitos versos a varios assumptos, e em louvor de algumas obras com ellas impressos, em que se conhece bem o seu grande engenho» (*Biblioteca lusitana*, vol. V, fol. 862 r/v). Os seus únicos poemas publicados são os dois sonetos com que colaborou no certame do conde de Linhares e poemas laudatórios em obras de outros autores, tais como as *Rimas varias en alabanza del nacimiento del Principe Don Balthazar Carlos Domingo* (Porto, por João Rodrigues, 1630) de Vicente Gusmão Soares, as *Várias poesias* de Paulo Gonçalves de Andrade, os *Amores divinos* de André Froes de Macedo (Lisboa, por Pedro Cresbeeck, 1631) e os *Tropheos lusitanos* de António Soares de Albergaria (Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1632).

<sup>157</sup> Diogo Lopes de Leão publicou uma «Fábula de Alfeo y Aretusa», dedicada a D. Claudio Pimentel, reitor da Universidade de Salamanca (cf. Garcia Peres, *Catalogo razonado*, p. 328) e colaborou com um conjunto de dez décimas nas *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde*.

[66]

Puede a los dos Quinentales<sup>158</sup> eminente  
tanto el laurel honrar con fin glorioso,  
que jactandose en ellos de excelente  
pase a ver graves versos de Viçoso<sup>159</sup>.

---

<sup>158</sup> «Dois Quentais» – Henrique do Quental Vieira participa por estes anos em obras de caráctyer colectivo, como as *Memórias fúnebres* em honra de D. Maria de Ataíde e o certame em honra do conde de Linhares. Publica também poemas laudatórios em obras de outros autores, v. g. a primeira tradução italiana de *Os Lusíadas* (*Lusiada Italiana* di Carlo Antonio Paggi, Lisbona, per Henrico Valente de Oliveira, 1658), em que encontramos um epigrama seu em latim. Será mais tarde um dos poetas mais abundantemente representados na primeira parte de *Academias dos Singulares de Lisboa* (1665). D. Francisco Manuel de Melo refere Henrique do Quintal entre os autores destacados no campo da Medicina (*Cartas familiares*, p. 415). O outro Quental será um seu irmão, cujo nome desconhecemos; baseamo-nos apenas na informação registada por Barbosa Machado na entrada sobre Henrique do Quental Vieira, que remete para este passo do *Elogio*: «Jacinto Cordeiro o numera, e a seu irmão, entre os melhores alumnos do Parnasso Portuguez» (Vol. II, p. 455).

<sup>159</sup> Supomos tratar-se de Francisco Viçoso, um poeta de que encontrámos apenas um soneto laudatório publicado na *Gigantomaquia* de Manuel de Galhegos.

Jerónimo Correa<sup>160</sup> la corriente  
mitigó del ingenio presuroso,  
y a Filis olvidó de amor sentido,  
siendo digna de aplauso y no de olvido.

---

<sup>160</sup> Jerónimo Correia publicou uma fábula mitológica, composta de cem oitavas, intitulada *Dafne e Apolo. Dirigida a Filis* (Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1624), a obra a que Jacinto Cordeiro aqui se refere, em que é óbvia a imitação do *Polifemo y Galatea* de Góngora. Publicou também uma *Canção à morte do Sereníssimo Infante D. Duarte* (Lisboa, na oficina Craesbeeckiana, 1649).

[67]

Entra a la gloria de su mar contrario,  
viendo la playa ilustre de Lisboa,  
Pedro de Acosta<sup>161</sup>, insigne secretario;  
luego Alejandro entró de Figueroa<sup>162</sup>.

---

<sup>161</sup> Pedro da Costa – Será Pedro da Costa Perestrelo, «escrivão delRey, insigne poeta vulgar e contemporâneo do grande Luiz de Camoens», como escreve Barbosa Machado? Segundo este bibliógrafo, terá composto um poema em dezasseis cantos intitulado *Descobrimento de Vasco da Gama*, que não chegou a publicar por entretanto ter saído à luz a epopeia de Camões, e um outro em homenagem a D. João de Áustria, com o título de *Batalha Ausónia*, igualmente inédito. Também João Franco Barreto refere apenas este Pedro da Costa, «capitão que se achou na victoria de Lepanto, de que compos hum poema intitulado Batalha Ausonia em 8.<sup>a</sup> rima castelhana, dividido em seis cantos» (*Bibliotheca Lusitana*, vol. V, fol. 851v).

<sup>162</sup> Alexandre de Figueiroa (?-1676) foi membro da Academia dos Singulares de Lisboa. Segundo Barbosa Machado, «compôs muitos versos latinos com elegância, imitando o estilo de Estácio» (*Biblioteca lusitana*, vol. I, p. 95). É um dos muitos poetas que versejaram em latim nas *Memórias fúnebres na morte de D. Maria de Ataíde*. Também Manuel de Galhegos o inclui na longa lista de «engenhos de Portugal» convidados, no seu *Templo da Memória*, a celebrar o casamento do duque de Bragança com D. Luísa de Gusmão.

Antonio Suarez<sup>163</sup>, entre canto vario,  
la lira toca con que a sí se loa,  
que le animó Francisco de Faria<sup>164</sup>,  
uno sol de su patria, y otro día.

---

<sup>163</sup> Será talvez António Soares de Albergaria, autor de vários trabalhos de carácter genealógico e histórico, dos quais publicou *Tropheos lusitanos* (Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1632), que contém representação iconográfica e descrição dos «escudos e armas dos titulares deste Reyno de Portugal», e *Resposta a certas objeçoens sobre os Tropheos lusitanos* (ib., 1634). Terá composto também um *Tratado dos santos portugueses*, cujo manuscrito se encontraria, segundo Barbosa Machado (I, 394), na livraria da Congregação do Oratório de Lisboa e teria licença para impressão datada de 1639. D. Francisco Manuel de Melo refere também este autor entre os notáveis cultores dos estudos genealógicos (*Cartas familiares*, p. 418). No entanto, o facto de não ter encontrado qualquer texto que justifique o «canto vario» e a «lira» da referência de Jacinto Cordeiro suscita dúvidas sobre se será realmente este o autor visado neste passo do *Elogio*.

<sup>164</sup> Francisco de Faria Correia é autor, segundo Barbosa Machado, de várias comédias e muitas outras obras poéticas, mas de que só foram publicados poemas dispersos, v. g., no *Certamen* ao conde de Linhares, nas *Memórias fúnebres* na morte de D. Maria de Ataíde, na *Fama posthuma* à morte de Lope de Vega, nos panegíricos às *Várias poesias* de Paulo Gonçalves de Andrade.

[68]

Aquí nombrarme, Fénix, considero  
que fueran de mi ingenio presunciones;  
vos pudierais poneros el primero  
por quitar del laurel oposiciones;  
entre tantos leones soy cordero,  
y no tengo lugar entre leones,  
ni nombre quiero, ni lugar admito;  
ellos escriben bien, yo mal he escrito<sup>165</sup>.

[69]

Daros a conocer solo pretendo  
la estimación del nombre que han ganado,  
en su alabanza solamente entiendo;  
si alguno se quejare de olvidado  
cuando no sé su nombre, no le ofendo,  
ni aquí observa lugares mi cuidado;  
decid cuando se quejen, pluma mía,  
que no soy preceptor de su armonía.

---

<sup>165</sup> Apesar do insistente recurso a formulações do tópico de modéstia e a preterições, Jacinto Cordeiro não deixa de incluir o seu nome entre os poetas que o seu texto celebra e de que conserva elogiosa memória.

[70]

Estos, oh Fénix, tosca pluma os muestra  
para que los retraten vuestras manos,  
que hay muchos que podrán en la palestra  
competir con Homeros y Claudianos;  
aquí sí que podrá la pluma vuestra  
vencer Virgilio y asombrar Lucanos,  
si por su coronel entráis delante  
de Helicon a los muros de diamante.

[71]

Mas si Apolo el laurel al gran Monarca  
por decreto de Júpiter le ofrece,  
de España gloria y de herejes Parca,  
en tantos reinos sol que resplandece,  
ya vuestra mano de la suya abarca  
el honrado laurel que en vos florece;  
dad pues a cada cual que eso os abona  
del sagrado laurel una corona.

FIN





**Carta del Fénix de España, Fr. Lope  
Félix de Vega Carpio,  
al Alferes Jacinto Cordero, en respuesta  
deste Elogio**

Tales han sido mis indisposiciones, que no me han dejado acabar una Elegia, que comencé con mucho gusto, en agradecimiento del Elogio que V. M. me hace. Diceme el caballero que solicita esta carta que entretanto le satisfaga con estos renglones; y así lo hago, suplicando a V. M. sea servido de perdonarme que, si tuviera salud, no me condenara de ingrato quien sin méritos y servicios me honra y favorece, a quien ofrezco eterno reconocimiento, fundado no solo en esta obligación, sino en sus letras y virtudes de V. M., tan naturales a ese reino y a esa ínclita ciudad, particularmente madre generosa de letras y armas.

Guarde Nuestro Señor a V. M. muchos años como merece y yo le desearé siempre.

De Madrid, a 9 de Enero de 1631.

Capellán de V. M. y su servidor  
*Fr. Lope Félix de Vega Carpio*



## ÍNDICE DOS POETAS ELOGIADOS<sup>166</sup>

- Afonso Ribeiro Pegado [62]  
Agostinho Manuel [24]  
Alexandre de Figueiroa [67]  
Álvaro Gonçalves [60]  
António Álvares Soares [32]  
António da Silva [53]  
António de Meneses [33]  
António Fernandes de Barros [27]  
António Gomes de Oliveira [7]  
António Raposo [14]  
António Sanches Farinha [56]  
António Soares de Albergaria [67]  
António Vaz Castelo [35]  
Bartolomeu Cacela do Vale [56]  
Bernardo de Brito [43]  
Bernardo Rodrigues [59]  
Cristóvão Soares de Abreu [26]

---

<sup>166</sup> Os números remetem para as estrofes em que os poetas são referidos.

Custódio Lobo [57]  
Daniel Aranil [54]  
Diogo de Paiva de Andrade [45]  
Diogo Gomes de Figueiredo [64]  
Diogo Lopes de Leão [65]  
Duarte da Silva [13]  
Elói de Sá Sotomaior [63]  
Fernando Cardoso [47]  
Fernão Correia de Lacerda [41]  
Fernão Manuel [57]  
Fernão Rodrigues Lobo Soropita [48]  
Fradique da Câmara e Toledo [31]  
Francisco Child Rolim de Moura [9]  
Francisco da Silva [51]  
Francisco de Faria Correia [67]  
Francisco de Portugal [10]  
Francisco de Sá de Meneses [29]  
Francisco Gomes Teles [58]  
Francisco Manuel de Melo [16]  
Francisco Nunes de Ávila [18]  
Francisco Travassos [53]  
Francisco Viçoso [66]  
Gabriel Pereira de Castro [6]  
Gaspar de Faria Severim [55]  
Gonçalo Coutinho [8]  
Gonçalo de Lucena de Carvalho [54]  
Gregório de Alcáçova [25]  
Henrique do Quental Vieira [66]

Jacinto Cordeiro [68]  
Jacinto Freire de Andrade [34]  
Jerónimo Correia [66]  
Jerónimo de Ataíde [19]  
João de Almeida [11]  
João de Araújo [39]  
João de Ceuta [52]  
João Gonçalves da Câmara,  
    «conde capitão» [15]  
João Rodrigues de Vasconcelos [21]  
Luís das Póvoas [17]  
Luís de Melo [37]  
Luís de Noronha [23]  
Luís de Tovar [55]  
Luís Mendes de Abreu [42]  
Luís Pereira de Castro [38]  
Manuel da Veiga Tagarro [61]  
Manuel de Gouveia [20]  
Manuel de Gouveia de Vasconcelos [61]  
Manuel de Sousa Coutinho [36]  
Manuel Quintana de Vasconcelos [62]  
Manuel Soares [63]  
Manuel Soares de Albergaria [46]  
Martim de Castro do Rio [41]  
Melchior Vaz [58]  
Miguel Botelho de Carvalho [59]  
Paulo Gonçalves de Andrade [28]  
Pedro da Costa [67]

Pedro de Mariz [44]  
Pedro Noronha de Andrade [65]  
Sebastião César de Meneses [30]  
Tomás Aranha [50]  
Tomás de Noronha [22]  
Tristão Vaz [64]  
Vasco Mouzinho de Quevedo [12]  
Violante do Céu [40]

## BIBLIOGRAFIA

### 1 – Edições do *Elogio de poetas lusitanos*

*Elogio de poetas lusitanos, al Fenix de España Fr. Lope Felix de Vega Carpio, en su laurel de Apolo. Por el Alferes Iacinto Cordero, con una carta en respuesta al Autor, del mismo Fenix de España. Dirigido a la Señora Doña Cicilia de Meneses.*  
En Lisboa, por Iorge Rodriguez, Año 1631.

«Poetas Lusitanos», in Domingo Garcia Peres, *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1890, pp. 124-137.

«Elogio de poetas lusitanos de Jacinto Cordeiro». Apêndice in Andre Froes, *Amores divinos (Lisboa, 1631)*, Duque y Marqués, Opúsculos Literarios Rarísimos, Valencia, 1959<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> Esta edição, tal como declara o seu organizador, Antonio Pérez Gómez, segue a transcrição do texto incluída na obra de Domingo Garcia Peres.



Jacinto Cordeiro, *Elogio de poetas lusitanos*. Edição de Christophe González, in *Reflexos, Revue pluridisciplinaire du monde lusophone*, 2, 2013<sup>168</sup>. [http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=2&id\\_article=article\\_02gonzalezokok-1591&qid=sdx\\_q1](http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=2&id_article=article_02gonzalezokok-1591&qid=sdx_q1) [consultado a 27/10/2016].

## 2 – Principais obras consultadas

*Academias dos Singulares de Lisboa, dedicadas a Apolo*. Primeira parte. Lisboa, na oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1665. *Ibid.*, por Manuel Lopes Ferreira, 1692.

*Academia dos Singulares de Lisboa, dividida em dezoito concursos, em que se incluye hum Certamen Académico (...)*. Tomo segundo. Lisboa, na impressão de António Craesbeeck de Melo, 1668. *Ibid.*, por Manuel Lopes Ferreira, 1698.

ANDRADE, Paulo Gonçalves de, *Várias poesias*, Lisboa, por Mateus Pinheiro, 1629.

BARRETO, João Franco, *Bibliotheca Lusitana. Autores Portuguezes. 1.ª Parte. Offerecida por João Franco Barreto seu Autor natural da Cidade de Lx.ª Autor da Eneida Portugueza* (Ms.). Fotocópia, disponível na secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, de original pertencente à Casa Cadaval.

---

<sup>168</sup> Edição que segue igualmente o texto da obra de Garcia Peres.

- BRITO, João Soares de, *Theatrum Lusitaniae Litterarium sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, Conimbricae Typis Academicis, anno 1655 (Cod. 6915 da Biblioteca Nacional de Portugal).
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1588). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia», in *Via Spiritus*, n.º 8 (2001), pp. 95-155.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, «La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación», in *Bulletin Hispanique*, tome 109, n.º 2, Décembre 2007, Université de Bordeaux, pp. 473-510.
- CASTELBRANCO, João de Brito de, *Relación de las fiestas con que la ciudad del Porto solenizò el felice nacimiento del Principe Balthazar Carlos Domingo (...)*, Porto, por João Rodrigues, 1631.
- Certamen poetico, em louvor de Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares (...) ao valor com que no seu campo, só à vista de todos, matou hum leão as lançadas. Ordenado por D. Fernando de Faro*. Lisboa, por Geraldo da Vinha, [1625].
- COLOMÈS, Jean, *Le dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*. Texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- DURÃO, António Figueira, «*Laurus Parnassea*», in *Opera omnia*, Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1635.

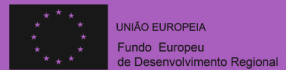
- Fama póstuma á la vida y muerte del Doctor Frey Lope Félix de Vega Carpio, y Elogios panegíricos à la inmortalidad de su nombre, escritos por los más esclarecidos Ingenios, solicitados por el Dr. Juan Perez de Montalvan*, Madrid, 1636.
- GALHEGOS, Manuel de, *Gigantomachia*, Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1626.
- , *Templo da Memoria. Poema epithalamico, nas felicissimas bodas de Excellentissimo Senhor Duque de Bargaça (sic)*. Em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck, Año 1635.
- GARCIA PERES, Domingo, *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1890.
- Justa poetica, y alabanzas justas que hizo la insigne Villa de Madrid al bienaventurado San Isidro en las Fiestas de su Beatificación, recopiladas por Lope de Vega Carpio*. Madrid, Viuda de Alonso Martín, 1620.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, 3.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Atlântida, 1965-1967.
- MELO, D. Francisco Manuel de, «Ao Dr. Temudo da Fonseca, Vigairo Geral do Arcebispado de Lisboa», in *Cartas familiares*. Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa, INCM, 1980, pp. 409-422.
- Memorias funebres sentidas pelloos ingenhos Portugueses, na morte da senhora Dona Maria de Attayde. Offerecidas à senhora Dona Luiza Maria de Faro condessa de Penaguiam*. Lisboa, na oficina Craesbeeckiana, 1650.
- Relación de las fiestas que la insigne Villa de Madrid hizo en la canonizacion de su Bienaven-*

- turado Hijo y Patron San Isidro, con las Comedias que se representaron y los versos que en la Iusta Poetica se escribieron. Dirigida a la misma Insigne Villa por Lope de Vega Carpio. Año de 1622.*
- Relación de las fiestas que ha hecho el Colegio Imperial de la compañía de Jesus de Madrid en la canonizacion de San Ignacio de Loyola, y San Francisco Xavier. Por Don Fernando de Monforte y Herrera. Madrid, por Luis Sanchez, 1622.*
- Sanctissimae Reginae Elisabethae poeticum certamen dedicat & consecrat Academia Conimbricensis (...).* Em Coimbra, por Diogo Gomes de Loureiro, 1626.
- SIMÓN DÍAZ, José, *Manual de bibliografía de la literatura española*, 2.<sup>a</sup> ed., Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1966
- , *Siglos de Oro: Índice de justas poéticas*. Introducción y bibliografía, por José Simón Díaz. Índice de autores, por Luciana Calvo Ramos. Madrid, C.S.I.C., 1962.
- SOARES, Vicente de Gusmão, *Rimas varias en alabanza del nacimiento del Principe N. S. Don Baltasar Carlos Domingo (...)*. En o Porto. Por Iuan Roiz. Año de 1630.
- , *Lusitania Restaurada. Dirigida a seu Restaurador El Rey Dom João o Quarto Nosso Senhor*. Lisboa, por Lourenço de Anveres, 1641.
- SOUSA VITERBO, *Poesias de autores portugueses em livros de escritores espanhóis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1891.





Cofinanciado por:



ISBN: 978-972-36-1570-8



9 789723 615708